

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DOSUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

NARA SIMONE DE OLIVEIRA

**A CARREIRA DE MAQUIADORES: UM ESTUDO DE TRAJETÓRIAS
PROFISSIONAIS**

**Porto Alegre
2015**

NARA SIMONE DE OLIVEIRA

**A CARREIRA DE MAQUIADORES: UM ESTUDO DE TRAJETÓRIAS
PROFISSIONAIS**

Trabalho de Conclusão de do Curso de Graduação em Administração apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

Porto Alegre

2015

NARA SIMONE DE OLIVEIRA

**A CARREIRA DE MAQUIADORES: UM ESTUDO DE TRAJETÓRIAS
PROFISSIONAIS**

Trabalho de Conclusão de do Curso de Graduação em Administração apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

Conceito final:

Aprovado em ___ de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Andrea Poleto Oltramari

Orientador - Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela graça da vida, pelas oportunidades e por não me deixar falhar nas situações mais difíceis.

Aos meus pais Dorilda e Ivanir, por darem aos seus onze filhos o melhor de si sem reservas, independente da situação. O amor que sinto por vocês é tão grande que não consigo descrever ou mensurar.

As minhas melhores amigas, as quais eu também chamo de irmãs: Mara, Ana e Flávia. Sempre estiveram comigo, rindo, brigando, chorando e rindo de novo. Ao longo da graduação me apoiaram sempre, em especial neste último semestre materializando como que, em um passe de mágica o que eu precisasse, inclusive cruzando barreiras geográficas somente para me ajudar com o TCC. Amo-as demais.

Aos meus irmãos: Ivanir, César, Jorge, Cesar, Antônio e Valdemar. Vocês são minha força, são a minha vida.

A dois amores que viraram estrelas cedo demais: meu irmão Adilson, e minha amiga Cíntia, nosso amor é para além da vida, não é uma despedida, é só um até breve.

A minha maravilhosa amiga Caroline Silveira Flores, que ao longo desses anos foi se tornando a melhor e mais espetacular dádiva da Graduação. Entre esmaltes, maquiagens e gordices, foi minha professora, psicóloga e, é claro, Administradora. Não imagino minha vida sem você, obrigada por tudo.

A incrível Susana Lotti, que me mostrou que a amizade, carinho, carisma e simplicidade podem estar onde menos esperamos. Tu és o meu exemplo de competência e sucesso.

A Andrea, Luana, Kamila, Sandy, Bruna e Dani obrigada por me proporcionar momentos de estudo, risadas e as melhores confraternizações de final de semestre, durante meu percurso acadêmico. Sentirei imensa falta de tudo isso.

As Zumbairas Fran, Kaká, Val, Rafinha, Fabi, Magda, Amanda e Cris por estarem sempre lá, me esperando e torcendo por mim.

A querida Patrícia Dias que tornou-se uma amiga especial, me ajudando a atravessar certos momentos de desespero acadêmico com maestria. Obrigada!

A Gabriela DeLuca, que muito gentilmente, sem ao menos me conhecer, mostrou a direção quando eu não sabia para onde ir.

A Professora Aida que ensinou que a ética, amor e respeito às pessoas e ao que fazemos, também fazem parte da profissão de Administrador.

Ao meu orientador Sidinei Rocha de Oliveira, pela ajuda e interminável paciência com a minha ansiedade permanente. Obrigada!

Aos meus afilhadinhos, cuja força cada vez se torna mais evidente.

A UFRGS, minha segunda casa, obrigada por me acolher, deixo suas dependências, mais sábia e madura.

RESUMO

O setor de beleza vem tornando-se cada vez mais expressivo no Brasil e no mundo. Cada vez mais pessoas, homens e mulheres tornam-se mais vaidosos em sua busca por uma boa aparência. Com isso muitas áreas da Estética e Cosmética ganham destaque na sociedade, dentre estas, encontra-se a profissão de Maquiador (a) que, nos últimos anos passou a ser a opção de atuação de muitos profissionais e em muitos casos, proporcionando grande visibilidade a estes. Desta forma, esta pesquisa tem objetivo de analisar a trajetória da carreira dos Maquiadores da grande Porto Alegre, com intuito de entender como estes profissionais têm desenvolvido suas carreiras. Para chegar à resposta da pergunta norteadora, esse trabalho se apoiou no conceito de carreira desenvolvido pelo sociólogo Everett C. Hughes, que a apresenta não como uma sucessão de profissões (objetividade), e sim como toda a vida da pessoa, incluindo aspectos de trabalho e não trabalho (subjetividade). Esta pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório, utilizando-se de narrativas como meio de coleta e análise de dados. Constatou-se a partir dessa pesquisa que todas as maquiadoras iniciaram seu percurso profissional em empresas tradicionais, ocupando um cargo formal e assumindo o papel social inerente às mesmas. No entanto, em um determinado momento, os aspectos objetivos e subjetivos de suas carreiras entraram em conflito fazendo com que passassem a repensar suas trajetórias e priorizar sua satisfação pessoal bem como profissional. Embora seus percursos sejam distintos, todos levaram à maquiagem como profissão.

Palavras-chave: Carreira. Conflitos. Realização. Maquiadores.

ABSTRACT

The beauty industry is becoming increasingly significant in Brazil and worldwide. More and more people, men and women become vainer in their quest for good looks. Thus, many areas of Aesthetics and Cosmetic gain prominence in society, among these areas, there is the profession of makeup artist, which has become in recent years, a choice of work activity of many people and, in many cases, it provides high visibility to them. Furthermore, this research aims to analyze the career trajectory of makeup artists of the Great Porto Alegre, aiming to understand how these professionals developed their professional careers. To get the answer to the guiding question, this research paper was based on the career concept developed by sociologist Everett C. Hughes, which presents it not as a succession of professions (objectivity), but as the life of a person as a whole, including aspects of work and not working (subjectivity). This research has qualitative and exploratory characteristic, and uses narrative for data collection and analysis. It was found from this research that all makeup artists who participated in it began their careers in traditional companies, occupying a formal charge and assuming the social role inherent to them. However, at a certain time, the objective and subjective aspects of their careers clashed making them rethink their careers and prioritize their personal and professional satisfaction. Although their paths are different, all led them to Makeup as a profession.

Keywords: Careers. Conflicts. Achievement. Makeup Artists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da Trajetória das Maquiadoras	50
---	-----------

LISTA DE TABELAS

Table 1 - Momento de Estabelecimento de conflito	52
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo dos Modelos de Carreira.....	19
Quadro 2 – Descrição dos tipos de arreira.....	25
Quadro 3 – Perfil das Maquiadoras.....	41

SUMÁRIO

1.	DELIMITAÇÃO DO TEMA	12
2.	OBJETIVO	16
2.1	Objetivo Geral	16
2.2	Objetivos Específicos	16
3.	JUSTIFICATIVA	17
4.	OS ESTUDOS DE CARREIRA	18
4.1	A História da Maquiagem	28
4.2	A carreira de Maquiador	30
5.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
5.1	Pesquisas Qualitativas Exploratórias	34
5.2	História de Vida	35
5.3	Coleta de Dados	37
5.4	Análise de Dados	38
5.5	Perfil Técnico das Maquiadoras	40
6.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	42
6.1.	Breve Narrativa: a trajetória profissional de Jane	42
6.2.	Diferentes trajetórias e o mesmo sonho	48
6.2.1.	Insatisfação Profissional: o conflito e o dilema	51
6.2.2.	A necessidade leva ao encontro da maquiagem	53
6.2.3.	Convite à Maquiagem Como Ocupação	55
6.2.4.	Estabelecimento a Carreira de Maquiadora	57
6.2.5.	A Busca pelo Aprimoramento	60
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
6.1	Limitações da pesquisa	66
6.2	Sugestões de estudos futuros	66
	REFERÊNCIAS	68
	APÊNDICE A - NARRATIVA SANDRA	72
	APÊNDICE B - NARRATIVA DENISE	78
	APÊNDICE C - NARRATIVA DAIANE	84

1. DELIMITAÇÃO DO TEMA

O setor da beleza obteve expressivo crescimento no Brasil e no mundo nos últimos anos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), no mês de fevereiro de 2014, o setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos brasileiro era o terceiro maior mercado de consumo mundial, atrás apenas, dos Estados Unidos e da China. Conforme a ABIHPEC (2008 apud Zero Hora, 2015), o setor teve um crescimento de 10% ao ano nos últimos dez anos, tendo faturado, somente no ano de 2014, R\$ 43,2 bilhões, e empregado 2,5 milhões de pessoas em 2008.

Mulheres e homens de idades variadas estão se tornando mais vaidosos e preocupados com sua aparência física (SHMIDTT e OLIVEIRA, 2008). Com o desenvolvimento de tecnologias dos cosméticos de embelezamento, o uso de maquiagem, por exemplo, deixou de ser em grande parte costume exclusivo de festas e ocasiões formais e passou a fazer parte do dia a dia.

É nesse contexto que, entre outras, a profissão de maquiador (a) vem sendo mais valorizada no mercado de trabalho. A própria profissão passou por mudanças desde seu início até os dias de hoje, tendo sido profissionalizada a partir do século XXI, pois antes, os maquiadores eram tratados apenas como prestadores de serviço (VITA, 2008) e não como profissionais formais, visto que a característica de um prestador, é oferecer um serviço isolado, através de contratos para terceiros, sem possuir vínculo empregatício com estes.

Atualmente, esses profissionais trabalham em diversos segmentos, como TV, cinema, editoriais de moda, desfiles, salões de beleza etc. Dos salões de beleza, onde inicialmente eram encontrados, passaram a prestar atendimento personalizado a domicílio, em suas próprias residências e mais recentemente, a internet e as redes sociais passaram também a ser meios para aqueles que querem divulgar seu trabalho, bem como passar adiante seus conhecimentos. Pode-se tomar como exemplo, a maquiadora Julika Oliveira, que começou a maquiar informalmente aos 15 anos, atendendo as clientes em suas casas, e acabou por se profissionalizar e, hoje, trabalha em um conceituado salão de beleza alocado em um shopping na Zona Sul de Porto Alegre. Julika ainda administra um blog chamado *All my looks*, ferramenta que utiliza para divulgar o

seu trabalho. Outra maquiadora que se destaca com maior ênfase na internet, é a Alice Salazar que, enquanto trabalhava como maquiadora de uma emissora de TV, criou o blog Espelho Meu, no qual ensina, por meio de vídeos, a fazer variados tipos de maquiagens para inúmeras ocasiões. Seus tutoriais fizeram tanto sucesso, e lhe proporcionaram tanta visibilidade, que hoje, além de possuir sua própria linha de maquiagens e roupas, também representa uma marca de cuidados para cabelo e outra marca de calçados.

Segundo Glowatski e Theisen (2011), devido à crescente escolha pela profissão de maquiador e também à demanda de seus serviços, algumas instituições de ensino superior adaptaram-se ao mercado, inserindo em alguns cursos de graduação e pós-graduação desse segmento, disciplinas sobre maquiagem, visagismo¹, colorimetria² ente outros. Atualmente, no Brasil existem dez instituições que, adequando-se a essa realidade, passaram a oferecer cursos de cosmética e estética (ZERO HORA, 2015).

Para entender o contexto atual da profissão de maquiadores, cabe utilizar a teoria de Hughes (1937) sobre carreiras, que em seu artigo *Institutional office and the person*, é vista não como sequência de cargos e trabalhos que a pessoa acumula ao longo de sua vida (ARTHUR, HALL e LAWRENCE, 1989), e sim, aspectos de sua vida como um todo. O autor também expressa que, nas sociedades mais conservadoras, as carreiras passam por um processo de padronização. Nesse tipo de sociedade existe alto cumprimento de formalidade que acabou por criar cargos distintos nos quais residia o papel pessoal exercido pelo indivíduo – cuja trajetória de vida já era predeterminada - e também o *status*. O papel na concepção deste autor é “o aspecto dinâmico de um *status* (p. 404, tradução livre)”. Considerando a característica dinâmica da sociedade, o autor destaca que, em sociedades mais livres as carreiras não são tão padronizadas. Assim, entende-se que a forma de atuação dos maquiadores se adaptou às mudanças ocorridas ao longo dos anos, tal como a mudança no conceito de carreira, que ocorreu a partir do século XX, quando a carreira passou a tomar a

¹ Estudo que tem por objetivo harmonizar o rosto ou a figura humana no geral, buscando sempre a harmonia perfeita entre cabelos maquiagem e acessórios. (KRIZEK, 2012).

² Colorimetria é o estudo científico das cores, intensidade e pigmentação. No universo da beleza, é a aplicação dela na prática que permite que a criatividade individual não comprometa o equilíbrio do look final, fazendo com que tons de pele, cabelo, olhos e produtos converse harmoniosamente (KRIZEK, 2012).

forma horizontal, em que os trabalhadores passaram a ter mais direito de opinião e decisões da empresa e as escolhas e expectativas em relação à carreira passaram a ser subjetivas. Tal mudança de conceito trouxe consigo questões como a satisfação pessoal, a qualidade vida e o tempo de lazer junto à família. Estes tornaram-se relevantes na escolha de um trabalho, ou na decisão de aceitar uma promoção, por exemplo (DE LUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014).

Chanlat (1995) mostra que o conceito de carreira é recente historicamente e que a gestão desta, é mais recente ainda, tornando-se entre as empresas que se destacavam no ramo de Recursos Humanos, nos anos de 1980, o tema “da moda”. O autor discorre sobre os dois modelos de carreira observados por ele: o modelo moderno e o modelo tradicional. O modelo tradicional era caracterizado pelas carreiras essencialmente masculinizadas e possíveis aos homens dos grupos sociais dominantes. Estas carreiras eram de progressão linear vertical, ou seja, as ordens e decisões eram dadas de cima para baixo, possuíam alto nível de estabilidade e o trabalhador pouco ou nada opinava nos assuntos da empresa ou do próprio setor de atuação. Já o modelo moderno, traz significantes alterações no que diz respeito à participação da mulher no mercado de trabalho, bem como de outros grupos sociais variados. Esse novo modelo também apresenta uma maior instabilidade, onde o indivíduo não vê mais a necessidade latente de permanecer na mesma empresa por vários anos, caso não se sinta bem nesta. A progressão de cargos não é somente vertical, outros setores além da alta gestão, poderão participar de decisões importante das organizações.

Estas mudanças do contrato de trabalho acabaram por criar nos indivíduos, a necessidade de se desenvolver e se atualizar com mais frequência, encarando mais desafios não somente em uma empresa, mas experimentando outros ambientes profissionais. A mudança na área de atuação e a busca por outros estímulos passaram a ser valorizados pelos indivíduos (NEVES, TREVISAN e JOÃO, 2013).

Desta forma, é possível analisar a conexão entre os maquiadores e sua ocupação através do conceito de carreira. A partir do quadro apresentado, a presente pesquisa buscou analisar a ocupação de maquiadores que atuam na Grande Porto Alegre, e vêm adquirindo cada vez mais destaque nos dias atuais.

O presente estudo aborda também, aspectos de formação desses profissionais, visto que muitos não são formados em instituição especializada.

Assim, é também, de grande importância analisar as motivações que levaram esses trabalhadores a seguirem a carreira de maquiador, onde esses indivíduos de aprendizado institucionalizado ou não, se inserem em um primeiro momento no início de sua carreira; como se desenvolvem ao longo desta, de maneira a não se tornarem obsoletos nessa área tão dinâmica, visto que grande parte dos maquiadores mesmo trabalhando em salões de beleza, possui a possibilidade de realizar trabalhos avulsos, em eventos de moda, televisão, ou seja, podem tanto trabalhar em um local específico ou prover seu sustento de maneira autônoma. Diante do exposto, a presente pesquisa buscou analisar a seguinte questão: como as maquiadoras têm desenvolvido as suas carreiras profissionais? Essa questão visa entender em que momento o gosto pela maquiagem surgiu na vida dessas pessoas, e como foram dados os primeiros passos para que essa carreira acontecesse.

2. OBJETIVO

Com intuito de explorar e analisar a questão problema apresentada, o presente estudo possui os seguintes objetivos:

2.1 Objetivo Geral

A presente pesquisa possui como objetivo analisar como as maquiadoras da grande Porto Alegre têm desenvolvido as suas carreiras profissionais.

2.2 Objetivos Específicos

- a. Identificar e analisar os fatores que influenciam na escolha pela carreira de maquiador;
- b. Identificar os pontos de virada (*turning points*) ao longo da carreira dos entrevistados;
- c. Identificar e entender quais são os elementos considerados como fonte de reconhecimento profissional.

3. JUSTIFICATIVA

O conhecimento dos motivos da escolha pela maquiagem como carreira a seguir, o desenvolvimento dessa carreira e a maneira como é vivenciada e desenvolvida por esses trabalhadores, em suas diferentes formas, poderá auxiliar a entender o fenômeno do surgimento de novos maquiadores no mercado de trabalho, inclusive daqueles que se utilizam de *blogs*, vídeos e outras redes sociais da internet para divulgação e instrução de seus leitores. O resultado dessa pesquisa será de grande valia para os profissionais de Porto Alegre e região metropolitana para que, assim, tenham acesso a um quadro atualizado da profissão em que atuam e também verificar como outras pessoas percorreram esse caminho.

Instituições de ensino superior e técnico, também poderão ser beneficiadas com os resultados deste trabalho, podendo dessa maneira, acompanhar a crescente demanda pelos profissionais em questão, bem como atualizar seus programas de ensino caso entendam necessário. Pessoas que possuam interesse em ingressar na profissão poderão interessar-se, pois ao obter acesso às informações que foram geradas, a partir desse estudo, sua tomada de decisão e organização profissional serão facilitadas.

4. OS ESTUDOS DE CARREIRA

O significado de carreira como definição da trajetória profissional, é proveniente do século XX, momento em que a sociedade vivia sua era industrial, capitalista e liberal, e o campo das profissões passou a ser relacionado às estruturas das organizações (DE LUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014). É relacionado também, às ideias de igualdade, liberdade, êxito pessoal e senioridade (CHANLAT, 1995).

Segundo Martins (2001), A carreira era vista como propriedade de estrutura das organizações e de seus cargos, o trabalhador almejava uma carreira específica já ciente de onde chegaria, e o que aconteceria no percurso até chegar ao cargo desejado. O conceito tradicional de carreira apresenta três características que se destacam e limitam o seu próprio conceito. A primeira característica é a mobilidade ocupacional em que há a expectativa de promoções oferecidas, a partir do momento em que uma habilidade é identificada no trabalhador, por parte da empresa. Esse novo cargo viria acompanhado de aumento nos ganhos financeiros e do *status* inerente a ele. A segunda característica é a associação da carreira a uma profissão como, por exemplo, um militar, um sacerdote ou médico, que possuíam uma carreira, enquanto a função de operário ou auxiliar de escritório não a eram consideradas como tal. A terceira característica tinha a intrínseca pressuposição da estabilidade, ou seja, o médico, o padre e o sacerdote teriam essas funções por toda a vida não havendo a possibilidade de possuir carreiras simultâneas ou mesmo, de trocá-las.

Para Chanlat (1995), a carreira, inicialmente significava ofício ou profissão formal dentro de uma empresa. O trabalhador visava à progressão de cargos e aumento dos ganhos financeiros e, conseqüentemente, uma posição social mais privilegiada (carreira vertical). O autor apresenta um quadro que demonstra, resumidamente, as diferenças entre os modelos de carreira Tradicional e o Moderno:

Quadro 1 - Resumo dos Modelos de Carreira

OS MODELOS DE CAREIRA	
O modelo tradicional	O modelo moderno
<p style="text-align: center;">Um homem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pertence aos grupos socialmente dominantes • Estabilidade • Progressão linear vertical 	<p style="text-align: center;">Um homem e/ou uma mulher</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pertence a grupos sociais variados • Instabilidade • Progressão contínua vertical e horizontal

Fonte: Chanlat, (1995, P. 71)

Chanlat (1995) chama a atenção ao fato de que, a maneira como o conceito de carreira foi estabelecido nas sociedades, depende do contexto cultural em que se encontravam cada uma delas. No quadro acima apresentado pelo autor, pode-se verificar que, no modelo de carreira tradicional, prevalecem os preceitos de uma sociedade onde a carreira era possível somente a aos homens considerados como o grupo dominante. Esse fato se deve basicamente, ao resultado de “uma sociedade em que a divisão sexual do trabalho interditou por todas as práticas a carreira das mulheres” (CHANLAT, 1995, p. 72), como na sociedade japonesa, apresentada como um exemplo pelo autor, além de prezar pela estabilidade e a progressão linear e vertical. O modelo de carreira moderno, por sua vez, possibilita aos vários grupos sociais, oportunidade de ter uma carreira, a exemplo da Suécia onde a igualdade entre os sexos é mais forte. Nesse modelo há também, a construção de carreiras mais instáveis, descontínuas e horizontais. Situações que antes eram desconhecidas tomaram lugar nas sociedades, tais quais as mudanças tecnológicas, a possibilidade de parar de trabalhar para estudar, estudar e trabalhar, voltar ao mercado de trabalho, depois de criar os filhos e, até mudar de área de atuação, tornaram-se situações aceitas pelo mercado de trabalho (CHANLAT, 1995).

Everett C. Hughes foi um sociólogo da Escola de Chicago ³, onde foi concebido o Interacionismo Simbólico, que vem a ser a corrente de pensamento

³ Grupo de pesquisadores e professores da Universidade de Chicago, surgido nos anos 1920 e que, durante algumas décadas do século XX. Trouxeram uma série de contribuições aos campos da Sociologia, Psicologia Social e Ciências da Computação. Seus maiores representantes, foram

sociológico que atribui grande importância à interação entre pessoa e sociedade, visto que estas são inseparáveis e interdependentes. Mendonça (2002) aponta que essa corrente é discutida com maior frequência na Sociologia e na Psicologia Social. Hughes foi o primeiro a tratar a carreira como um conceito, em uma abordagem objetiva, ele apresenta a carreira como “uma série de *status* e cargos claramente definidos” (HUGHES, 1937, p.409, tradução livre). No entanto, utiliza-se também, de uma visão subjetiva, conceituando carreira como, a “perspectiva dinâmica pela qual o indivíduo concebe sua vida como um todo e interpreta o significado de seus vários atributos, ações e das coisas que acontecem a ele” (HUGHES, 1937, p. 409, tradução nossa). O autor entende a carreira e a profissão, como formas de socialização, tornando-se assim, o marco da passagem do indivíduo para o ambiente profissional (HUGHES, 1958 apud DE LUCA, 2014). O conceito de cargo na concepção de Hughes (1937) possui grande importância junto ao conceito de carreira, pois segundo o autor, a carreira é o vínculo analítico entre o indivíduo e a instituição. Assim sendo, quanto mais padronizados os comportamentos, mais o *status* irá residir neles. E esse *status* traz consigo várias categorias sociais aceitas, cada uma possuindo seus direitos e deveres, pois nenhuma pessoa se torna totalmente moral sem ter consciência de sua própria posição. O *status* é uma forma preliminar de cargo, que por sua vez, é traduzido por Hughes (1937), como um grupo de deveres e privilégios padronizados que passam a pertencer a uma pessoa em determinadas situações.

A Escola de Chicago possibilitou uma conexão entre a trajetória provável (sistema de expectativas legítimas) e o sistema ocupacional (sistema de oportunidades). Dessa forma, tanto a carreira quanto a profissão, passaram a integrar o processo de formação de identidade de si (DUBAR, 2007 apud DE LUCA, 2015, p. 51).

Para além das análises tendenciosamente psicológicas, que focam o indivíduo separado da organização – ou vice-versa – a carreira pode ser uma ponte analítica justamente pela interação entre estas duas esferas. É esta a perspectiva interacionista, posto que contempla diferentes elementos de análise micro (pessoa) e macro (contexto e organizações) (BARLEY, 1989), para além de desenvolver fórmulas, sejam empíricas, teóricas ou históricas (ABBOTT, 1997). (DE LUCA, 2014, p.52)

A concepção apresentada permite entender tanto as organizações de empresas, quanto a relação do indivíduo com a sua profissão e, também, sua interação com os grupos com os quais convive. A visão que Hughes (1937) apresentada em *Institucional Office and the person*, permitiu verificar a existência das duas perspectivas citadas. Esse fato, aliado à interdisciplinaridade nos estudos sobre carreira, permitiu que sua discussão sobre carreira fosse mais complexa e unívoca (DeLUCA, 2015).

A visão dinâmica a respeito do conceito de carreira apresentada por Hughes (1937) não é compartilhada por outros autores como, por exemplo, Schein (1993 apud DeLUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014), que relaciona a carreira à forma como se desenvolve ao longo do tempo a vida profissional de uma pessoa e, a maneira como ela vê sua vida profissional. Na visão desse autor que, nos anos de 1970 pesquisou amplamente sobre as âncoras de carreira⁴, o entendimento sobre carreiras, é arquitetado na conexão entre a carreira interna (a expectativa do indivíduo em relação ao trabalho) e a carreira externa (o que se espera dele de acordo com a administração organizacional e os conceitos sociais estipulados). Contudo, mesmo havendo reconhecido a existência desses dois espaços internos e externos, nos quais se pode compreender a carreira, a relação entre eles é pouco explorada tanto por este autor quanto pelos estudiosos que utilizam suas bases teóricas até os dias de hoje (DeLUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014).

Nos anos de 1980 surgiu a idealização de que as empresas deveriam ser gestoras da carreira de seus funcionários, essa ideia relativamente nova, tinha a intenção de fazer dar frutos os interesses de ambos. Esse fato é decorrente da importância adquirida pelas empresas, ao longo dessa década, devido aos processos de globalização, bem como a profissionalização do gerenciamento de carreira (CHANLAT, 1995).

A gestão de carreiras passou a ser difundida e, devido à complexidade nas tomadas de decisão, o profissional deixou de ser o responsável por sua ascensão. O modelo tradicional da carreira combinava com a estabilidade do contexto da época onde o emprego era sinônimo de trabalho, e o desenvolvimento de competências passou a ser cada vez mais praticado tornando-se necessário, para

⁴ Schein (1974) define âncora de carreira como a combinação de áreas percebidas de competência, motivos e valores que servem de guia para as decisões relativas à carreira individual.

que o indivíduo percorresse os caminhos hierárquicos oferecidos pela empresa. O setor de recursos humanos passou a ter maior destaque nas empresas, pois aliado a alta gerência, decidia de maneira estratégica, quais eram as competências necessárias para exercer cada cargo, passando assim, a ser responsável por desenvolvê-las em seus funcionários (CHANLAT, 1995). Contudo o mundo tornou-se mais dinâmico, complexo, diversificado e o mais importante, extremamente individualista. Quanto mais globalizado, mais individualista e, devido a esse individualismo, houve um declínio cada vez maior na gestão de carreira dos indivíduos por parte das empresas (GUNZ e PEIPERL, 2007).

As mudanças ocorridas na sociedade, em especial as mudanças tecnológicas de comunicação, provenientes do final do século XX, empresas foram afetadas em seu funcionamento, tendo sido conduzidas - no intuito de se manterem competitivas - a incorporar com maior intensidade as ideias de eficácia, eficiência, inovação e flexibilidade (NEVES, TREVISAN e JOÃO, 2013). Os processos pela busca de qualidade e atendimento de excelência aos clientes, juntamente com a preocupação em diminuir custos, tornaram-se mais intensos nessas organizações. Passou-se a exigir dos trabalhadores, cada vez mais conhecimento e constante desenvolvimento, contudo, o mercado de trabalho se encontrava em um momento incerto e por esse motivo os vínculos empregatícios não eram garantidos. À vista desse fato, houve a redução de vários postos de trabalho, muitos indivíduos observaram seus empregos desaparecerem, por causa dos processos de reengenharia e *downsizing* (enxugamento) (NEVES, TREVISAN e JOÃO, 2013).

A carreira formal que havia sido fundamentada e concebida por importantes estudiosos como Taylor e Fayol no início do século XX, em que a alta gerência organizava desde os processos mais simples até os mais complexos, sem praticamente qualquer participação do empregado, passou a ver-se em uma nova realidade profissional. Os vínculos de curta duração passaram a ser frequentes e, a participação dos empregados teve um aumento, ocasionando um processo de horizontalização de hierarquia nas organizações e novos conceitos de carreira foram surgindo (NEVES, TREVISAN e JOÃO, 2013).

Gunz e Peiperl (2007) afirmam que, devido a sua onipresença como fenômeno social e individual, a carreira sempre exerceu um fascínio como objeto de estudo. Estudar sobre carreiras auxiliou a entender como o trabalho foi se

desenvolvendo nas sociedades, bem como ajudou os indivíduos a entender como “trilhar seus caminhos ao longo de suas vidas, suas habilidades, seus conhecimentos e interesses à medida que foram amadurecendo e ficando mais velhos” (GUNZ e PEIPERL, 2007, p.1, tradução livre). De acordo com os estudos realizados, assim como seus estudiosos, foram legitimados desde os anos 1970, como a área mais abrangente dos estudos sobre organizações, ou seja, tornou-se um campo de estudos estabelecido.

De acordo com DeLuca, Rocha-de-Oliveira e Chiesa (2014), foi a partir do final dos anos 1980, que os trabalhos e pesquisas sobre carreira, no campo da Administração, apresentaram um crescimento, destacando-se o levantamento realizado por Adamson, Doherty e Viney (1998), os trabalhos de Douglas Hall, bem como os *handbooks* organizados por Arthur, Hall e Lawrence (1989) e Gunz e Peiperl (2007), sendo a característica mais predominante nesses estudos, a separação entre o nível organizacional e o individual.

Os estudiosos destacados retomam os conceitos de carreira, baseados na visão tradicional, ou seja, faziam referência ao lugar onde as pessoas trabalhavam o que elas faziam e ao sistema de hierarquia vertical.

Segundo os autores, esta compreensão está bastante ligada ao funcionamento das organizações, o que representa uma visão simplista, centrada nos mecanismos de gestão de recursos humanos, reduzindo a noção de carreira à promoção e ao retorno financeiro (DeLUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014)

Em contraste com essas ideias ultrapassadas, Adamson, Doherty e Viney (1998 apud DeLUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014), utilizando-se da perspectiva interacionista da Escola de Chicago, e assinalando a imprescindibilidade de se entender a carreira como situacional, relacional e cronológica, mostram alguns pontos a serem observados: o desenvolvimento da carreira não deve ser entendido como avanço nas hierarquias; a riqueza de um currículo poderá ser percebida, com a inclusão de várias atividades de trabalho e não trabalho; movimentos verticais e horizontais na carreira, também poderão enriquecer um currículo; momentos de pausas na carreira poderão significar períodos de desenvolvimento e novas experiências para o indivíduo.

Ainda, de acordo com DeLuca, Rocha-de-Oliveira e Chiesa (2014), mesmo sendo essas reflexões de fato engrandecedoras, foram pouco exploradas nos

estudos seguintes, e esse fato, acabou fazendo com que os estudos sobre carreiras, realizados nos últimos vinte anos, girassem em torno dos conceitos de carreira proteana e da carreira sem fronteiras.

Closs e Rocha-de-oliveira (2013) mostram que os anos de 1990 tornaram-se referência em termos de novas discussões a respeito dos estudos sobre carreira, e os responsáveis por esse fato foram Arthur e Rousseau com sua obra *The boundaryless career* que apresentava em 1996, o conceito de carreira sem fronteiras que admite uma geração de competências como condição de uma experiência bem sucedida, e Hall que no mesmo ano concebeu os delineamentos da Carreira Proteana, a qual pressupunha o total comando de carreira por parte do indivíduo. Os dois tipos de carreiras supracitados, foram predominantemente explorados nos anos que se seguiram, contudo, nenhum destes abordou a carreira em nível de interdisciplinaridade, apontando como relevantes somente análises quantitativas e a visão do indivíduo (SULLIVAN & BARUCH, 2009). Foram Khapova e Arthur (2012) com o artigo *Interdisciplinary approaches to contemporary career studies* que expuseram a carreira em diferentes perspectivas, tais como a perspectiva psicológica, sociológica, psicossocial e econômica (CLOSS e ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2013).

Chanlat (1995), por sua vez, apresenta como visto anteriormente, dois modelos de carreira, sendo estes o Modelo Tradicional e o Modelo Moderno. Os mesmos compreendem quatro tipos de carreira, as quais são compreendidas abaixo:

Quadro 2 - Descrição dos tipos de Carreira

Tipos de carreira	Recursos principais	Elemento central de ascensão	Tipos de organização	Limites	Tipos de sociedades
Burocrática	Posição hierárquica	Avanço de uma posição hierárquica a outra	Organizações de grande porte	Número de escalões existentes	Sociedades de empregados
Profissional	Saber e reputação	Profissão Perícia Habilidades profissionais	Organizações de peritos Burocracia Profissional	Nível de perícia e reparação	Sociedade de peritos
Empreendedora	Capacidade de criação e inovação	Criação de novos valores, novos produtos e serviços.	Pequenas e médias empresas Empresas artesanais, comunitárias e de caridade.	Capacidade pessoal Exigências externas	Sociedade que valoriza a iniciativa individual
Sociopolítica	Habilidades sociais Capital de relações	Conhecimento Relações de parentesco Rede social	Familiar Comunitária de clãs	Número de relações conhecidas e ativas	Sociedade de clãs

Fonte: Chanlat (1995, p. 72)

O primeiro tipo é a Carreira Burocrática, caracterizada por hierarquia de papéis bastante inflexível, forte regulamentação de processos e papéis, centralização de poder e relações marcadas pela impessoalidade. O avanço na Carreira Burocrática está contido em uma pirâmide hierárquica onde em cada nível existe uma obrigação, salários e vantagens sociais definidas de maneira formal. A seleção e recrutamento e promoções se dão de acordo com a antiguidade do trabalhador, no entanto esse tipo de carreira encontra cada vez mais ameaças devido à concorrência que exige que, cada vez mais as empresas sejam criativas, inovadoras e que possuam uma iniciativa individual.

O segundo tipo de carreira observado é a Carreira Profissional, a qual é baseada na especialização. O seu avanço acontece à medida que a experiência e o conhecimento do profissional se acumulam e são ligados à sua reputação. Ao contrário da Carreira Burocrática não é vertical. Neste tipo de carreira, uma maior mobilidade é permitida, visto que o recurso central é a especialização reconhecida e o profissional tende a desenvolver maior lealdade ao seu trabalho do que a

níveis de hierarquia, e seu desenvolvimento é relacionado à natureza de seu trabalho.

A terceira carreira observada por Chanlat (1995) é do tipo empreendedor e pode ser ligada às atividades de uma empresa independente, executadas por uma pessoa. Essa carreira é peculiar à sociedade capitalista e liberal e possui valores de sucesso individual. Esse sucesso não é proveniente do “berço” e sim, resultante do talento do indivíduo, de seu trabalho árduo e poupança do mesmo. Foi amplamente valorizada, pois representava uma superioridade liberal sobre a sociedade aristocrática feudal. No entanto, no século XX, essa carreira sem deixar de existir, foi substituída pelos dois tipos anteriores, devido à complexidade dos problemas, concentração das empresas e a expansão do Estado, fizeram que a Carreira Empreendedora ficasse em segundo plano. Alguns anos mais tarde, ela ressurgiu de maneira interessante, tendo sido observado que:

[...] as dificuldades do setor público, a crise no estado-previdência, as dispensas em certas indústrias e a concorrência internacional parecem ter empurrado, por sua vez, os governos, as empresas e as sociedades para valorizarem novamente este tipo de carreira (CHANLAT, 1995, p.74).

Por último é apresentada pelo autor, a Carreira de tipo Sociopolítico, baseada nas habilidades que o indivíduo tem de socializar e no poder de relações do mesmo. Neste tipo de carreira, a posição, a especialização ou mesmo, a inovação não são elementos centrais, e sim, “o capital de conhecimento, relações e o pertencimento a um nível social bem estruturado e entendido” (p. 75). As relações chegam a ter mais importância do que o diploma, a antiguidade e competência profissional.

É através do bom relacionamento do indivíduo com o ambiente profissional que o cerca, que acontecem as promoções e o desenvolvimento das carreiras. Este tipo de carreira é típico de empresas de família, comunitárias ou clã, e, apesar de parecer legítimo nesses meios, na Burocracia ela seria condenada por desrespeitar o princípio da impessoalidade (CHANLAT, 1995).

Arthur (2008) valida a necessidade de haver a interdisciplinaridade nos estudos sobre carreira, afirmando que várias disciplinas podem contribuir com as pesquisas sobre carreira, e da mesma forma, podem encontrar umas nas outras, as respostas aos seus questionamentos. Na obra de Gunz e Peiperl, (2007), pode-

se verificar, também, a necessidade relacionar as disciplinas. A Psicologia e a Sociologia, por exemplo, poderão ser complementares, visto que a primeira proverá informações relativas ao comportamento do indivíduo em relação aos vários estágios pelos quais a pessoa passa em sua carreira, ao passo que, a segunda, estudará aspectos da mobilidade intergeracional as mudanças do estilo de vida do indivíduo nas organizações, a estrutura e comportamento das elites de negócio e também as origens sociais e demografia dos gerentes em geral. Pesquisas sobre carreira têm sido realizadas com base em diferentes tradições, no entanto, segundo Arthur (2008), as carreiras contemporâneas são um convite a que se olhe de maneira renovada para as possibilidades de integração das disciplinas.

O conceito de carreira utilizado neste trabalho é aquele que, segundo Hughes (1937), circunda as perspectivas de vida do indivíduo que vão além do seu cargo e que consideram enfoques denominados pelo autor como objetivos, ou seja, *status* social que carrega obrigações e privilégios de categorias sociais já aceitas. Há também o enfoque subjetivo, ou papel pessoal, que é a “perspectiva dinâmica pela qual a pessoa concebe sua vida como um conjunto e interpreta o significado de suas diversas características e das coisas que acontece a ela (p. 409-410, tradução livre)”, ocasionando uma dualidade que é vista como peculiaridade primordial de uma carreira. De acordo com Hughes (1937), estes aspectos objetivos e subjetivos da pessoa podem entrar em conflito, e no caso dos profissionais abordados nesse trabalho, ocasionando os *turning points* a partir dos quais esse indivíduo tomará uma decisão importante que poderá mudar os rumos de sua carreira.

Assim sendo, o conceito de carreira apresentado por Hughes, na qual esta é vista como a trajetória de vida do indivíduo como um todo, bem como a relação dele com sua ocupação é adequada a essa pesquisa e à chegada dos resultados.

4.1 A História da Maquiagem

Mesmo nas culturas mais primitivas, a utilização de maquiagens ou matérias para pintar o rosto era bastante comum, primeiramente em celebrações religiosas e rituais. As primeiras matérias primas a constituir esses produtos eram vegetais e minerais como, por exemplo, urucum, argila, carvão e até mesmo pedras moídas.

É no Egito Antigo que são encontrados os primeiros registros da utilização da maquiagem, que era feita à base de hena. Homens e mulheres utilizavam-se desse artifício para realçar a beleza, com a aplicação dessas pinturas, principalmente na região dos olhos. Nos cadáveres também eram utilizadas tais pinturas, pois nessa cultura acreditava-se que um dia eles ressuscitariam e, quando esse momento chegasse, deveriam estar bonitos. Para o faraó era importante se diferenciar de sua plebe, e para tanto usava perucas coloridas e a maquiagem destacada nos olhos servia para evitar que ele não olhasse diretamente para Rá, o deus sol (KRIZEK, 2012).

Para colorir as pálpebras era utilizada uma mistura de metais pesados e o khol, uma mistura de pó e argila, que marcava o contorno dos olhos. Foi nessa época também que surgiu a idealização do homem com a pele escura e a mulher com a pele clara, Cleópatra foi o maior exemplo de beleza, fazendo grande uso de cores fortes de tinta e pós de plantas para colorir o rosto, maquiando também os olhos e as sobrancelhas para imprimir uma elegância dos felinos, bastante respeitados naquela época.

Na Grécia Antiga encontra-se uma grande obsessão gregoriana pela beleza, e a realeza possuía um número grande e descomunal de escravos responsáveis por pentear e maquiar seus senhores todos os dias. Segundo Krizek (2012), os produtos utilizados não se diferenciavam muito dos produtos egípcios, eram utilizadas tintas para os lábios, para os olhos, uma coloração branca fabricada à base de chumbo. A coloração vermelha era à base de algas frutas ou terra, sendo algumas vezes adicionado o mercúrio, que hoje é sabido ser irreversivelmente danoso à saúde. As maquiagens fortes da época eram atribuídas às prostitutas em especial, nas maçãs do rosto. Como aplicadores para estes produtos eram utilizadas espátulas e colheres feitas de osso e marfim.

De acordo com Krizek (2012), na idade média, a Igreja Católica proibiu às mulheres toda e qualquer utilização de maquiagem, pois aos seus olhos, as mulheres que ousassem expressar sua beleza por meio da maquiagem, estavam possuídas e por isso eram repreendidas moralmente, sendo inclusive queimadas por esse motivo. Esse fato fez com que as mesmas assumissem nessa época, um rosto pálido e sem qualquer expressão.

O século XX trouxe consigo um requintado gracioso ideal de beleza, contendo ainda, os traços da pele pálida, no entanto, sem exageros e para isso era utilizado o pó de arroz. Com a Primeira Guerra Mundial, as mulheres tiveram que ingressar no mercado de trabalho, assumindo assim, seus gastos com beleza. Os soldados, por sua vez, também viam utilidade em se maquiar, pois assim eles se camuflavam nos campos de batalha, utilizando a maquiagem desenvolvida pelo maquiador Max Factor, judeu cujo pai era maquiador da família real da Rússia, e que transformou a maquiagem pesadas do teatro em algo aceitável às telas do cinema, posteriormente influenciando várias mulheres fora dela. Os anos de 1920 trouxeram consigo a idealização de um corpo esguio e de maquiagens acentuadas e sobrancelhas depiladas para que pudessem ser refeitas à lápis e ter o formato desejado.

A década de trinta, de recessão financeira, trouxe por meio da maquiagem, uma maneira de fugir à realidade instalada. As grandes atrizes do cinema eram os espelhos de todas as mulheres, com seus olhos sofisticados, tentadores e marcados, os lábios ganharam cores mais suaves para evitar a aparência vulgar. As sombras em pó passaram a ser exibidas em cores mais escuras, os cílios passaram a ser curvados com a utilização de máscaras, hoje conhecidas como rímel. A década de 1940 refletiu os sinais da guerra, devido à falta de matérias-primas, o mercado dos cosméticos viu-se extremamente abalado de tal maneira que, a graxa de sapato passou a ser utilizada como máscara de cílios, o carvão como sombra, e no lugar do *blush*, eram utilizadas rosas mergulhadas no álcool. Com intuito de amenizar as tristezas da guerra, os batons vermelhos coloriam os lábios das mulheres, os delineadores de olhos e sobrancelhas passaram a ser bastante utilizados.

Durante as décadas seguintes, o uso da maquiagem sofreu grandes processos de sofisticação e adaptação. Dos olhos bem marcados com os arsenais de sombras e lápis lançados na década de 50, pele discreta e lábios apagados e sombras de cores vivas inspiradas na cultura pop dos anos de 1960 até o surgimento da maquiagem a prova d'água dos anos de 1980. Com a chegada do

século XXI, houve uma integração das tendências entre décadas passadas acarretando em:

[...] uma mistura que conta um pouco da história da maquiagem através do tempo; a elegância do início do século mistura-se com a delicadeza sexy dos anos 30 e nada da rebeldia dos anos 80. O futuro da maquiagem passa assim por criar um estilo próprio valorizando a democracia, independente do que a moda vá propor (KRIZEK, 2012, p. 26).

Produtos de utilização mais prática, com funções de tratamento de pele, de efeitos e texturas diversos e o mais importante, o desenho das embalagens teve grande participação na venda desses produtos. A maquiagem foi incluída no dia a dia e, atualmente, é tida como a maior ferramenta para acentuar a beleza de homens e mulheres.

4.2 A carreira de Maquiador

Como visto anteriormente, o costume de utilizar maquiagem é antigo, contudo, segundo Krizek (2012), não há registro exato de quando se deu o início da profissão de maquiador. As responsáveis pelos cuidados com cabelos e maquiagem no Império Romano, eram escravas denominadas *cometae*, que passaram ao longo do tempo, a trabalhar para outras senhoras ricas que, devido à escassez de mão-de-obra, as remuneravam por isso. De acordo com Krizek (2012) acredita-se foi com o crescimento acelerado do cinema nos anos de 1920, que a atividade de maquiar pessoas passou a ser considerada como profissão.

Com o passar dos anos, os principais trabalhos dos maquiadores eram realizados no teatro, cinema e outros espetáculos artísticos. No Brasil, a profissão adquiriu mais destaque com o início dos trabalhos da TV Tupi no ano de 1950 e, devido à evolução das tecnologias, foi necessário haver um refinamento das técnicas de maquiagens para vídeo, o que gerou mais oportunidades aos maquiadores (KRIZEK, 2012).

Foi na década de 1980 que a profissão de maquiador adquiriu grande visibilidade e reconhecimento, atualmente, essa atividade está em grande

ascensão, envolta por uma aura de glamour e *status*, pois esse profissional pode ser visto como um artista que utiliza o rosto e também o corpo das pessoas como uma tela. O maquiador é responsável por conferir beleza aos rostos e aos corpos de seus clientes com intenção de destacá-los em festas, eventos produções de arte, desfiles, cinema, teatro televisão, entre outros e, devido à necessidade de ter o conhecimento da moda, ele deve também deve levar em consideração o conjunto, combinar a maquiagem com roupas e acessórios de seus clientes exercitando uma “visão estética global” (INSTITUTO KRIZEK, 2008).

De acordo com Krizek (2008; 2012), um profissional da maquiagem exerce três papéis essenciais: o de artista, consultor e executor. É considerado um artista quando cria as suas maquiagens preenchendo sua “tela”. Exerce também o papel de consultor, pois muitas vezes há a necessidade de expor sua opinião e conselhos. O papel de executor também faz parte de seu escopo, quando a ele é solicitado para somente realizar um trabalho que já foi predeterminado e nesse caso, o maquiador precisa ter humildade e não “achar que vai chegar no *backstage* e resolver o que será feito [...] Tem que saber escutar e aceitar o que é determinado” (CARREIRA BEAUTY, 2013). É aconselhável ao maquiador, que possua conhecimento da língua inglesa (KRIZEK, 2012), bem como o passaporte em dia caso haja a oportunidade de realizar cursos ou trabalhos em outro país (KRIZEK, 2012; CARREIRA BEAUTY, 2013), que o profissional seja organizado na administração de seu tempo para que possa ter uma agenda produtiva, que desenvolva certa intimidade com ferramentas da web, além de é claro, que enriqueça cada dia mais o seu portfólio.

No caso do profissional que atua prestando serviços para a televisão, cinema e teatro, este auxilia a criar e caracterizar as várias personagens, dando vida à atmosfera solicitada. Dentre as possibilidades de opções de trabalho, a televisão e o cinema, são os maiores alvos por possuírem as melhores remunerações e maior visibilidade no meio inserido (KRIZEK, 2012).

Como em todas as profissões que prezam a busca pela excelência, o maquiador também necessita de atualização, quanto à moda e tendências:

Fazer pesquisas, ler revistas em livros, frequentar eventos e feiras de beleza em moda além de experimentar novos procedimentos e cosméticos, fazem de você um profissional atualizado. Você não deve parar nunca. Deve sempre buscar novidades e estar à frente (KRIZEK, 2012, p. 33).

Outro ponto a ser destacado, em relação à carreira de maquiadores, é o apreço que sentem pela sua profissão, pois ser maquiador “te dá a liberdade de fazer e ser o que é” (KRIZEK, 2012, p. 38), além da grande flexibilidade nos horários de trabalho, e esse fato torna a profissão instável, o que às vezes pode fazer com que o indivíduo opte por exercer uma atividade profissional mais “segura”, ou seja, um trabalho amparado pelas normas da CLT e com direitos assegurados (TRUQUES DE MAQUIAGEM, 2010). Nesse meio, as chances de obter altos ganhos financeiros são bastante elevadas, pois quando muitos maquiadores se destacam, várias portas se abrem para eles, podendo, por exemplo, ser contratados por uma grande marca para representá-la, inspirando muitas pessoas a utilizarem-na.

A demanda por profissionais da beleza, entre eles os maquiadores, cresce a cada dia, pois homens e mulheres tornam-se vaidosos e, devido a isso, consomem cada vez mais produtos e serviços estéticos, utilizam serviços de beleza profissionais. De acordo com Avelar e Veiga (2013), estudos apontam que, devido à concorrência no mercado de trabalho, no meio acadêmico e na vida pessoal as pessoas que possuem “beleza e boa aparência” são mais favorecidas, sendo este entre outros motivos, aquele que tem aumentado o apelo da sociedade por uma beleza padrão e perfeição. Este é também, um dos motivos pelos quais, a procura por maquiadores e até mesmo por *blogueiras*⁵ de maquiagem tem aumentado de maneira circunstancial.

Da mesma maneira, os homens passaram a demandar esses serviços, e, isso não se deve somente à vaidade, mas também aos resultados desejados em competições do mercado de trabalho e conquistas pessoais.

Em 18 de janeiro de 2012, a Lei nº 12.592/2012 que reconhece como profissão em todo o território nacional, as atividades de cabeleireiro, barbeiro, esteticista, manicure, pedicure, depilador e **maquiador**, foi promulgada com vigência imediata. Além disso, a referida Lei dispõe sobre as funções dos profissionais citados, bem como as normas de higiene e sanitárias imprescindíveis e inerentes às profissões supracitadas (E-GOV, 2012). Contudo, não é vista como uma lei útil (E-GOV, 2012), por não trazer benefícios reais ao profissional da maquiagem, como também aponta Krizek (2012, p. 40), “essa lei foi uma grande

⁵ É o termo brasileiro que se utiliza para designar a pessoa que faz publicações em blogs, o termo de mesmo significado em inglês é *blogger*.

conquista, porém ela reconhece o profissional, mas não regulamenta ou controla o exercício da profissão”. O autor afirma também que, apesar de todas as vantagens de se optar por seguir a carreira de maquiadora, há também pontos negativos como qualquer outra, como aponta o autor (p. 40-42):

- A falta de regulamentação acerca dessa profissão;
- O preconceito sofrido por quem escolhe a carreira de maquiador como se essa tivesse menos importância e, outras pessoas ainda os tratam como indiferença e arrogância por estarem pagando pelo serviço;
- Muitas pessoas creem que os maquiadores não possuem qualquer formação e atribui esse fato, ao grande número de pessoas que se intitulam maquiadores e passam a trabalhar informalmente como tal, sem ter qualquer preparo para isso;
- A concorrência, por parte de outros maquiadores e também dos autointitulados maquiadores, mas também diz que é preciso estar preparado para ouvir um não, pois “um não de hoje, pode virar uma sim lá na frente” (p. 41);
- O estigma de que, os homens que trabalham como maquiadores ou qualquer outra área da beleza são homossexuais;
- As receitas (ganhos financeiros) são variáveis de acordo com o mês, desta forma, é necessário que haja organização financeira através de um fundo de reservas.

Aparentemente a ocupação de maquiador (a) apesar de ter adquirido grande relevância no cenário econômico e possibilitar a vários indivíduos desenvolver uma carreira profissional de sucesso ainda não atingiu total “confiança” como profissão, contudo está se encaminhando para esse fim, devido à sua constante ascensão.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Estão descritos nesse capítulo os aspectos referentes às técnicas de coleta e análise utilizadas na presente pesquisa, são informações acerca da metodologia de pesquisa, e a descrição de como foi realizada a coleta e análise dos dados.

5.1 Pesquisas Qualitativas Exploratórias

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, por não haver intenção de realizar mensurações quantitativas, enfatizando desta forma, o que Collis e Hussey (2005) conceituam, como aspecto subjetivo da atividade humana que possui foco no significado dos fenômenos sociais. O fato de este trabalho objetivar adquirir maior conhecimento acerca da trajetória percorrida pelos maquiadores em sua ocupação, que está em voga nos dias atuais sem, no entanto, possuir maiores estudos ao seu respeito, também o caracteriza como pesquisa qualitativa. Neste tipo de pesquisa, de acordo com Becker (2007, p. 85-88), deve-se utilizar a pergunta “como” ao invés de “por que”, e o motivo é simples: quando se pergunta, por exemplo, a um indivíduo “por que você maquia?”, ele terá grandes chances de dar uma resposta com intuito de justificar-se. No entanto, se a pergunta for “como você acabou maquiando pessoas?”, este mesmo indivíduo irá contar a história, o percurso realizado até a chegada do momento em que ele passou a maquiar, e esse fato aumentou as chances de obter mais informações relevantes à análise deste trabalho. Foi também necessário verificar e descrever o processo de fatos e acontecimentos, ou seja, quais os passos foram dados nesse processo até o momento presente ou final (BECKER, 2007).

Devido ao fato de haver poucos estudos acerca da profissão de maquiador, essa pesquisa adotou caráter exploratório, pois nesse tipo de pesquisa há a possibilidade de obter, segundo GIL (2008, p.27), “uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. O autor também indica este tipo de pesquisa, em estudos sobre assuntos pouco explorados sendo, portanto, adequada a este trabalho. A pesquisa exploratória foi de grande valia no estudo da carreira de maquiadores, pois, por meio dela foi possível desenvolver um conhecimento mais aprofundado a respeito de seu interesse pela profissão, início de carreira, formas de trabalho dos maquiadores, entre outros aspectos que serão abordados ao longo do trabalho.

Na pesquisa exploratória, a preparação, a coleta e análise das informações dos dados fornecidos são flexíveis (BERTUCCI, 2008). Esse fato foi fundamental, devido às particularidades dos profissionais que contribuíram com este trabalho, visto que, apesar de exercer a mesma profissão, o caminho percorrido por cada uma delas foi diferente e, também, porque possuem características pessoais singulares, diferentes vínculos de trabalho e ambientes de atuação distintos.

A utilização da Narrativa foi de grande importância à este trabalho, pois “possui como objeto de investigação a história em si”, bem como, por ser apropriada aos estudos de movimentos sociais (RIESSMAN, 2000, p. 4).

5.2 História de Vida

O próprio conceito de carreira possui uma característica interdisciplinar e histórica que possui função de integrar indivíduos, grupos, organizações e a sociedade realçando uma interação dinâmica entre o sujeito e o mundo a sua volta (DeLUCA, 2015), pois de acordo com a autora, a carreira é percebida como consequência de contextos históricos e organizacionais e não somente de atributos individuais (GRANDJEAN, 1981 apud DeLUCA, 2015, p. 1). Desta forma, entende-se que o campo de estudos sobre carreiras necessita de maior interdisciplinaridade, para que possam avançar seus resultados para além da carreira proteana e da carreira sem fronteiras, como exaltam Sullivan & Baruch (2009) e Rocha-de-Oliveira e Closs (2013). Da mesma maneira, é necessário que se utilize novos métodos e perspectivas de pesquisas. O estudo de carreiras que

não são tradicionais, assim a carreira de maquiadoras oferece grande oportunidade de discutir conceitos previamente apresentados.

Assim, o método de História de vida é indicado ao estudo. Foi utilizado pela primeira vez em 1927, na obra de Thomas e Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America* (HAGUETE, 2000) e se insere no conceito de pesquisa qualitativa que surge juntamente com a Escola de Chicago. De acordo com Rocha-de-oliveira e Closs (2013), a história de vida é vista como um modo de pesquisa que visa compor a abordagem biográfica, e serve aos propósitos de “verificar suposições, lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados” (BECKER, 1992, p. 111). Por meio dessa técnica é possível entender o que acontece na convergência dos aspectos individuais com os sociais, bem como oportuniza o encontro de elementos atuais com elementos do passado, para que seja possível obter um conhecimento mais profundo deste (PAULILO, 1999).

Ainda de acordo com Becker (1992), na história de vida, o que se valoriza é história do próprio narrador que, enquanto conta suas experiências confere conteúdo a estas, ilustrando o mundo no qual são vividas. Essa técnica é considerada por Haguete (2000) mais do que as outras técnicas, exceto talvez a observação participante, apta a dar algum sentido à noção de processo (o processo em movimento), o qual necessita de um conhecimento mais íntimo da vida de outra pessoa, pois isso irá proporcionar um estudo do tema do ponto de vista de quem o vivencia, da maneira como ocorreram.

Conforme Moreira (2002, p. 55) a história de vida possui a função de obter a percepção do indivíduo, sobre as experiências subjetivas que teve de certas situações, que constam em um período de tempo interessante, em um evento ou em uma série de eventos que possam ter causando algum efeito sobre este. Os métodos que são apropriados para a coleta de dados variam de entrevista, relatos gravação entre outros. Denzin (apud MOREIRA, 2002) divide a história de vida em três tipos:

- História de vida abrangente: onde a vida do sujeito é pesquisada desde as memórias mais antigas até a escrita do documento;
- História de vida tópica: possui interesse em um segmento específico da vida do sujeito;

- História de vida editada: poderá ser abrangente ou tópica e o pesquisador tenta atribuir significados de ordem sociológica comentando e questionando os dados que foram coletados.

Isto posto, e com intuito de melhor responder a pesquisa norteadora, a presente pesquisa foi composta de entrevistas narrativas presenciais, com as maquiadoras em locais escolhidos por estas, devido ao fato de possuírem horários de trabalho diferenciados e irregulares, e, também, devido ao fato de Daiane e Jane residirem em cidades metropolitanas. A História de Vida como método de análise, auxiliou a orientar esse trabalho e, como método investigativo permite a gravação de entrevistas em vídeo, contudo, nesse estudo optou-se por gravação apenas de áudio, pois além de ser mais prático, permitiu preservar a integridade das respostas das entrevistadas, bem como permitiu que as mesmas prestassem maior atenção a seus próprios depoimentos conferindo maiores detalhes à sua trajetória profissional.

5.3 Coleta de Dados

A fim de desenvolver de maneira mais adequada, e também, chegar a resultados mais realistas, a pesquisa contou com um levantamento de informações, a partir de entrevistas narrativas com quatro maquiadoras, previamente contatadas e atuantes na grande Porto Alegre. De acordo com Reissman (2000), a técnica de narrativas tem sido adotada por pesquisadores que estudam determinadas profissões, pelo fato de essa abordagem não assumir a objetividade e sim a subjetividade de quem narra sua história. É também segundo a autora, apropriada ao estudo de movimentos sociais, bem como, para cruzar a biografia de um indivíduo com a história da sociedade em que está inserida.

Para (BAUER e GASKELL, 2002), entrevista narrativa, é uma técnica que possui intenção de incentivar o entrevistado – também chamado de informante – a narrar a história sobre um evento de relativa importância de sua vida e do contexto social, tendo como ideia elementar, reconstruir acontecimentos sociais sob o ponto de vista de tais informantes, tão diretamente possível, o que a torna de grande utilidade a este trabalho.

O contato realizado, as profissionais, – que aqui serão tratadas por nomes fictícios - se deu por meio de indicações, com exceção da primeira entrevistada, a maquiadora Sandra, com a qual o contato, foi possível através do convite de uma consultora da marca de cosméticos Mary Kay, para participação ativa da pesquisadora, como modelo, em um curso de técnicas específicas de maquiagem.

Para a coleta de dados secundários, foi utilizada consulta via internet em *blogs* e sites relacionados à beleza e maquiagem, jornais eletrônicos e em sites de órgãos como, por exemplo, a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), Brasil Profissões entre outros, além da pesquisa bibliográfica em livros e artigos acadêmicos. Ainda, a utilização de *chat* com as maquiadoras, através de uma rede social foi de grande utilidade para sanar pequenas dúvidas.

As entrevistas narrativas com as maquiadoras foram realizadas de maneira presencial, e por não haver questionário definido com perguntas específicas, esse método pode ser caracterizado como semiestruturado devido à necessidade de atender às particularidades de cada caso e, também, possibilitar que a entrevistadora pudesse atentar para a expressão corporal, facial e até mesmo, o tom de voz das maquiadoras entrevistadas, o que facilitou a adaptação da entrevista a elas (GIL, 2008), e também as deixou confortáveis.

Outro ponto importante acerca da aplicação das entrevistas realizadas, como observa Malhotra (2006), foi a questão da ética. As entrevistas foram gravadas, no entanto, houve o cuidado de pedir a permissão das informantes. Com isso um termo de consentimento esclarecido foi fornecido às mesmas com intuito de explicar todos os aspectos da pesquisa e obter a autorização formal para a utilização do material coletado. Às entrevistadas também foi informado que não haveria a obrigatoriedade de identificação, ou disponibilização de seus dados pessoais para qualquer outro fim que não o estudo em questão.

5.4 Análise de Dados

Segundo Minayo (1993), um bom método de análise, é aquele que permite obter uma construção correta dos dados e que auxilie na reflexão sobre a dinâmica da teoria apresentada. Desta forma, quanto à análise e interpretação de

dados, de acordo Gil (2008), apesar de possuir conceitos diferentes, são relacionados. A análise possui a função de organizar e sintetizar os dados, possibilitando ao pesquisador, obter respostas às questões propostas. A interpretação por sua vez, busca dar maior sentido às respostas, mediante aplicação e comparação da teoria com a realidade da pesquisa efetuada (GIL, 2009).

Após a primeira etapa da pesquisa, que foi coleta dos dados através das narrativas, ocorreu a segunda parte, a transcrição literal das mesmas, a fim de manter a integridade das respostas sem perder qualquer informação importante, bem como coletar as informações mais relevantes à chegada das conclusões. A leitura metódica de todas as entrevistas foi o passo seguinte, podendo assim identificar informações comuns e discordantes das participantes. Em seguida, houve a organização do material coletado, o que permitiu a reestruturação desses dados de acordo com a base da pesquisa. Por fim a pesquisadora realizou a análise e interpretação das informações coletadas através de reflexão teórica baseadas nas teorias já apresentadas.

A partir do quadro apresentado, o estudo se aprofundará, captando elementos relevantes do percurso da carreira das maquiadoras entrevistadas. Contudo, é possível verificar em uma análise do quadro 1, que todas as maquiadoras atuaram em empresas e cargos tradicionais antes de possuir a atual ocupação - cabe aqui uma observação, a maquiadora Daiane, é a única das entrevistadas que sempre trabalhou em salão de beleza, no entanto iniciou como recepcionista no mesmo local - afirmando a visão de Hughes (1937) sobre carreira, em que o indivíduo ao longo de sua vida possui uma série de empregos, entendendo a própria carreira como “uma série de status e cargos claramente definidos” (HUGHES, 1937, p. 409, tradução livre). Desta forma, os aspectos objetivos da carreira da pessoa não se limitam à ocupação em que está, seja tradicional ou não tradicional, seja indo e vindo entre elas, como em zig zag (DeLUCA, 2015).

No que tange às experiências anteriores e formação, Sandra, atuou na área da saúde. Ingressou primeiramente em um curso superior de enfermagem, e posteriormente fez um Curso Técnico também de enfermagem, mais tarde já atuando na área da saúde, cursou dois anos da faculdade de Enfermagem. Já a maquiadora Denise, sempre atuou na área Administrativa nas três empresas em que trabalhou, tendo concluído curso superior em Administração. A maquiadora Jane

sempre atuou na área financeira com cobrança e posteriormente como gerente PJ em um banco de Porto Alegre. Quanto à formação, esta cursou quase por completo o curso superior em Processos Gerenciais, desistindo do mesmo, ao realizar mudança para São Paulo.

Daiane por sua vez, atuou inicialmente como recepcionista do salão de beleza de seus pais ainda aos nove anos de idade, posteriormente, devido a uma emergência, ela teve que maquiar uma cliente de sua mãe, e acabou por exercer essa função no local, dos 14 aos 24 anos. No entanto, há pouco tempo, tomou a decisão de sair do salão de seus pais, pois precisava “achar o seu caminho”. Desta forma, dá-se início à análise da trajetória e vivência de carreira das maquiadoras da grande Porto Alegre.

5.5 Perfil Técnico das Maquiadoras

Integram o grupo de entrevistadas, maquiadoras de idades semelhantes, sendo a mais nova, a maquiadora Daiane, de 24 anos. Das quatro entrevistadas, as maquiadoras Sandra e Jane, possuem cursos em instituições especializadas, sendo a maquiadora Jane, também aquela que possui maior tempo contínuo de atuação como maquiadora. A maquiadora Daiane utilizou-se desde o início da sua carreira e ainda se utiliza de cursos particulares e *workshops* para fins de aperfeiçoamento de técnicas de maquiagem social e de maquiagem artística. A entrevistada Denise realizou dois cursos particulares de automaquiagem e um *workshop* sobre técnicas de maquiagem, sem possuir qualquer aprendizado em instituição especializada, tendo sido autodidata no que se refere a novos aprendizados utilizando redes sociais, *blogs* e *vlogs* para tanto. O local de atuação das profissionais entrevistadas varia de salões de beleza ao atendimento a clientes em domicílio.

O quadro abaixo apresenta as características gerais do grupo estudado:

Quadro 3 – Perfil das Maquiadoras

Maquiadora	Idade*	Tempo de Carreira*	Graduação	Formação Especializada	Ocupação Anterior	Cidade de Atuação
Sandra	38	8	Enfermagem**	Maquiagem Profissional	Enfermagem/Saúde	Porto Alegre
Denise	34	3	Administração	Aulas particulares/ <i>work shops</i>	Secretária/Aux. Administrativo	Porto Alegre
Daiane	24	10	Moda**	Curso Particular/ <i>work shops</i>	Recepcionista	Grande Porto Alegre
Jane	34	15	Processos Gerenciais**	Extensivo de Maquiagem/Especializações	Finanças	Várias cidades do Brasil

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

*Idade e tempo de carreira expressos em anos.

** Graduação incompleta.

Respeitando a singularidade de cada respondente, ter flexibilidade de horários para realização das entrevistas, foi de grande importância, uma vez que, nem todas trabalham no mesmo formato e horários. O principal instrumento de coleta utilizado com as maquiadoras, como informado previamente, é a entrevista narrativa que se adequa à pesquisa qualitativa. Desta forma, foi solicitado que contassem sua história profissional desde o início até a ocupação atual de maquiadora, com o máximo de detalhes que as mesmas pudessem fornecer. Assim, no próximo capítulo serão apresentados os dados, bem como sua análise.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os dados qualitativos coletados por meio das entrevistas narrativas com quatro maquiadoras da grande Porto Alegre, as quais são identificadas nesse trabalho por nomes fictícios, que são Sandra, Denise, Daiane e Jane, destacando-se a narrativa da trajetória profissional de Jane devido às suas várias etapas exemplificando o conceito de carreira que norteia esta pesquisa. A narrativa da trajetória de Sandra, Denise e Daiane, encontra-se no apêndice do trabalho.

6.1. Breve Narrativa: a trajetória profissional de Jane

Certa manhã em conversa via *Whatssapp*, em pleno ritual de estreitamento de relações com os colegas da Comissão de Formatura, decidi perguntar se algum deles conhecia uma maquiadora que tivesse interesse em participar do meu TCC. Uma das colegas respondeu: “Eu conheço, a Jane, procura no meu Face”. Então eu procurei no “Face” da colega, e encontrei. Jane, maquiadora oficial da Natura, meu pensamento imediato foi de que, ela não me atenderia, pois, eu já tinha conhecimento de que os maquiadores da Natura viajam com muita frequência, ministrando cursos e *workshops* de maquiagem aos consultores em todo o Brasil, logo, não teria tempo pra mim.

Fiz contato mesmo assim, através da referida rede social, me identificando e explicando sobre o trabalho final do curso de Administração, logo perguntando se ela poderia contribuir. E qual não foi a minha surpresa quando ela me respondeu quase que prontamente: “Oi querida. Claro que sim, será um prazer. Pode me mandar as perguntas. Meu e-mail é...”. Expliquei que o tipo de pesquisa exigiria que nos encontrássemos pessoalmente, e finalizei informando sobre a gravação da entrevista caso ela permitisse. Nesse dia então marcamos nossa entrevista que seria em um café situado no Mercado Bourbon no Município de Canoas.

No dia marcado, uma manhã bastante chuvosa de sábado, após meia hora de atraso, chega Jane ofegante pela pressa de não aumentar o seu atraso. Sentou à

minha frente primeiramente se desculpando, pois teve que levar sua filha de onze anos para a escola, e em seguida, me entregando um pequeno embrulho que ao abrir, descobri ser um batom, um pequeno agrado. Achei bastante delicado de sua parte. Como saiu apressada de casa não teve tempo de comer, então pediu um café e enquanto ela aguardava, começamos nossa entrevista, com a primeira pergunta sendo feita por ela: “Tá bom, tu vai me perguntando ou eu vou falando?” e assim começamos. Pedi primeiramente que informasse o nome e idade antes de começar a narrar sua história profissional.

Jane tem 34 anos. Foi aos dezesseis anos que trabalhou pela primeira vez como vendedora em uma loja Hering, e aos 18 anos ingressou em um escritório de cobrança e trabalhando em outros do mesmo ramo por muitos anos. Trabalhou na empresa Claro também com cobrança, até começar a trabalhar na Cimpor, indústria cimenteira de Nova Santa Rita, onde trabalhou por seis anos, iniciando no setor Comercial, sendo transferida mais tarde para o setor de Cobranças.

Aponta que teve sua primeira interação com a maquiagem ainda na adolescência, quando começou a “brincar” disso. Em seu grupo de amigas ela era quem as maquiava quando necessário, sem qualquer compromisso. Aos vinte e dois anos, trabalhando ainda em um escritório de cobrança, no ano de 2003 ela engravidou. Nesse mesmo período, Jane passou a vender produtos da Natura e para atrair interessadas e formar sua carteira de clientes, utilizou-se da seguinte tática:

Pra atrair as clientes eu convidava elas para ir - isso fazem 12 anos - convidava elas para irem até a minha casa e demonstrava os produtos. O que eu fazia com a maquiagem? Invés de demonstrar eu maquiava elas então eu maquiava só a metade do rosto pra elas se enxergarem como é que ficariam maquiadas.

Esses encontros ficaram cada vez mais frequentes, contudo, ocorria que suas clientes possuíam bastantes dúvidas em relação à maquiagem, até que uma delas sugeriu que ela ministrasse cursos e dessa maneira, elas aprenderiam também a maquiar a si mesmas.

Jane decidiu então aceitar a sugestão, e passou a ministrar “mini-módulos” de cursos em sua própria casa onde tinha um espaço com uma mesa grande para reunir suas agora “alunas”, para realizar esses encontros como, ela mesma se refere a essa atividade pela qual não cobrava qualquer valor. Ela descobria a dificuldade

de cada cliente e focava nelas. Além das aulas, surgiram também pedidos para que ela as maquiasse: “tá, mas eu tenho uma festa para ir hoje, eu quero que tu me maquie”. A partir desse momento ela passou a cobrar um valor simbólico – que em conversa informal, após a entrevista, informa ser de R\$ 20,00 - pois utilizava os seus próprios produtos tanto para as aulas, quanto para maquiar as clientes. Esse trabalho era realizado paralelamente ao seu trabalho oficial no escritório de cobrança de veículos, onde atuava desde os 18 anos.

Com o nascimento de sua filha em 2004 e conseqüente entrada no período de licença, as maquiagens se intensificaram, pois como ela diz:

“[...] já que eu não podia trabalhar eu acabava focando mais nisso”, esse período foi também de estudos sobre a maquiagem. Utilizava-se de livros e da internet como meios de aprender novas técnicas, sem ter noção de que estava estudando.

Dando “um pulo para 2009”, como referencia ela, estava trabalhando em uma empresa cimenteira, a CIMPOR, pediu transferência para São Paulo onde morava o seu marido, pois viviam um casamento à distância. Conta que sua adaptação foi bastante ruim. Nesse momento da narrativa, ela conta que ao chegar à nova cidade, estranhou muito, teve uma adaptação bastante difícil, e por este motivo sentiu necessidade de ter uma atividade que tornasse esse período melhor:

Eu fui atrás de fazer algum curso eu nem sabia do que eu queria fazer aí descobri que o SENAC lá em São Paulo tem um, uma escola que é especializada em beleza, tem o SENAC beleza aí fui atrás e fiz um curso intensivo... Extensivo lá de 1 ano e 3 meses de maquiagem, então foi ali que eu tive o embasamento teórico, né! Aquilo que eu já sabia por intuição eu fui ver na teoria o que... que.. .como é que era que funcionava. Aí foi muito legal porque eu conheci um outro lado da maquiagem. Aí eu comecei a ver “puxa isso é um profissão, não é uma brincadeira”, por que até então eu não encarava como uma possível profissão.

Durante sua estadia em São Paulo, o marido de Jane tinha interesse em fazer um investimento, por este motivo, comprou um salão de beleza. Jane ainda trabalhava na Cimpor e acabou por pedir demissão para que pudesse administrar o estabelecimento. Além de Administrar também cumpria a função de maquiadora fazendo também, pequenos trabalhos com sobancelhas. Enquanto trabalhava no salão, lhe surgiu a oportunidade de realizar um trabalho junto à Revista Raça Brasil, especializada em beleza negra. Para esse ensaio, ela maquiou as modelos negras,

o que ela achou difícil devido aos diversos tons de pele negra existentes no Brasil. E partir desse trabalho, que exigiu que ela trabalhasse com diferentes nuances de pele, ela teve certeza que seria a maquiagem o que lhe faria feliz profissionalmente: “Nossa é isso... quando eu fiz aquele ensaio. Eu digo: gente é isso que eu quero fazer! Eu quero morrer fazendo isso da minha vida”.

Foi no final de 2010 que, devido ao imprevisto da doença de sua mãe, ela teve que vender seu salão e voltar para Porto Alegre. Chegando na cidade conseguiu emprego grupo Zandona, onde trabalhou por seis meses porém, não gostou, indo logo após, trabalhar em uma agência do banco Sicredi no interior do Estado ocupando o cargo de analista comercial. Nessa empresa conta que conheceu “um outro mundo” de pessoas simples mas carinhosa. Participava das festas da igreja e do bairro e achava isso muito legal.

As maquiagens seguiam em paralelo ao trabalho no banco, tanto maquiando suas clientes, quanto vendendo cursos, já “não tão amadores” segundo ela, para pequenas turmas. As clientes montavam um grupo de amigas interessadas e a chamavam para ministrá-lo. Após um ano trabalhando no banco Sicredi, foi promovida a Gerente PJ, um mês após essa promoção, viu um anúncio da Natura e, por curiosidade, ela enviou um e-mail para saber sobre o que se tratava exatamente o anúncio e descobriu que se referia a uma seleção para maquiadores. Bastava que ela enviasse um currículo com fotos profissionais de seu trabalho. Como até aquele momento ela possuía apenas as fotos da revista, feitas enquanto vivia em São Paulo, estas não eram suficientes, Jane teve a ideia de convidar uma amiga fotógrafa e mais 10 mulheres entre amigas e parentes e maquiou todas em um final-de-semana, montando o portfólio completo do qual necessitava. Na segunda-feira seguinte, ela compareceu ao local onde se daria seleção, uma hotel na cidade de Porto Alegre, sendo na parte da manhã a entrevista, na qual foi aprovada, e à tarde ocorreria a dinâmica com o maquiador oficial da Natura e criador da marca, Marcos Costa. Dessa dinâmica, a primeira parte era a automaquiagem, e foi esse momento que a deixou nervosa, comente que:

[...] já estava completamente descrente porque tinha muitos maquiadores profissionais mesmo e concorrendo. Maquiadores da RBS, outros é muitos maquiadores que faziam moda na época então era um pessoal que tinha uma bagagem muito grande, aí eu estava completamente desencantada a minha ideia era ir lá para conhecer o Marcos Costa. Esse era o meu propósito ir lá conhecer ele e tirar uma foto e ir embora por eu não tinha nenhuma pretensão, além disso. Fui fiz essa automaquiagem ele eliminou

mais umas pessoas e eu ficamos para última etapa. Na última etapa nós, ai individualmente cada um entrava fazia a dinâmica e ia embora então ninguém sabia o que ia acontecer lá dentro [...].

A dinâmica era feita por ordem alfabética⁶ e por este motivo, ela foi a última a ser chamada, já cansada e com fome. Quando finalmente foi chamada, e foi instruída pelo maquiador a simular em 10 minutos, uma apresentação em uma palestra para 300 pessoas no interior do Paraná. Nessa simulação ela maquiaria uma modelo e por haver pouco tempo ela optou por fazer uma maquiagem bem simples. Ao finalizar foi embora sem qualquer *feedback*, no entanto, na quarta-feira seguinte recebeu a ligação da Natura onde foi informada de havia sido escolhida para ser uma das 5 maquiadora regional da Natura, nesse dia teve a noção da responsabilidade que teria.

Como não poderia deixar de ser, acabou tendo dúvidas, pois teria que pedir demissão no banco. Esse foi um momento de grande conflito, pois desde muito jovem trabalhara com finanças – ao que ela confessa não saber o porquê até hoje, pois nunca gostou de matemática – e sempre em uma empresa em sua sala, no seu espaço definido. Além disso, soube mais tarde que o trabalho como maquiadora regional teria duração de um ano apenas e esse seria um fator crucial na sua escolha, pois todas as outras condições, conforme afirma a maquiadora, eram “maravilhosas” e por isso procurou seu gerente para conversar a respeito e para sua surpresa, recebeu grande apoio do mesmo

Eu não pensaria duas vezes em ir, e acho que tu tem que ir porque senão tu vai se uma profissional frustrada que é a chance que tu tem de uma mudança de vida completa”. Porque aí era... o projeto consistia em viajar Paraná, Rio Grande do sul e Santa Catarina dando palestras pra força de vendas né? Que são pras consultoras, no caso é como se fosse um treinamento. Então aquilo me interessou muito porque não só a maquiagem pela maquiagem era uma treinamento era comunicação que eu gosto muito e tudo mais.

Decidida a aceitar a vaga de trabalho na Natura, Jane decide que de fato era isso que ela queria e pede demissão do banco Sicredi em julho de 2013 e em agosto desse mesmo ano iniciou suas viagens. O trabalho como maquiadora da Natura, proporcionou grande visibilidade a ela, como editoriais de moda, participação duas vezes ao ano, como maquiadora em um dos eventos de moda mais significativos do país, o São Paulo Fashion Week, para o qual é convidada por Marcos Costa que

⁶ Nome verdadeiro começa com um letra do fim do alfabeto.

assina as maquiagens do evento e que são executadas por ela e outros maquiadores convidados e onde também, possui a oportunidade de realizar vários contatos com outros profissionais da área e também com celebridades do país.

Ao questioná-la a respeito de como sua família lidou com essa mudança total em sua rotina, ela diz que sua família é maravilhosa, pois dá a ela uma estrutura que lhe permitiu pedir demissão de um emprego “estável e seguro” e realizar um trabalho em que há a necessidade de viajar pelo país. Nesse momento ela conta que recentemente se separou do marido, em janeiro de 2015 e a casa, onde vivia com o ele e a filha fica ao lado da casa de seus pais, e como foi ela quem saiu de casa, a filha mora mais com o pai do que com ela devido as constantes viagens. E quando necessário, sua avó, seus pais e irmão também cuidam da filha, a Pietra - noto que quando ela fala o nome da menina seus olhos assumem um brilho diferente - que hoje está com 11 anos e “ela curte muito, ela acha um máximo” o trabalho da mãe.

Ao questioná-la sobre algum outro curso que ela possa ter feito, Jane me confessa que ingressou no curso superior de Tecnologia em Processos Gerenciais, onde ficou quase até o final, mas não se formou, pois foi transferida para São Paulo, na época em que trabalhava na Cimpor. Afirma que não há intenção de voltar cursar uma faculdade, a não ser que seja para algo de que goste verdadeiramente como a Psicologia e mesmo assim, não crê que isso vá acontecer. Na área da maquiagem fez algumas especializações com o próprio Marcos Costa, no entanto gosta de destacar que sua carreira foi quase toda intuitiva.

Quanto a parte financeira de sua vida, conta que nunca teve maiores problemas, nunca passou por necessidades:

[...] era bom assim, dava pra viver inclusive no banco, “oh vou trabalhar em banco ganhar rios de dinheiro”. Trabalhava que nem um cavalo de madeira como se diz e não ganhava tudo isso, hoje minha vida financeira mudou muito graças a Deus, a maquiagem me sustenta muito mais do que me sustentava antes tô muito satisfeita financeiramente e, profissionalmente nem se fala.

Em conversa informal na volta pra casa, Jane me relata que de fato só ganhou dinheiro com a maquiagem, quando passou a trabalhar para a Natura, pois vê o ramo de maquiagens como “prostituído”:

[...] porque como é uma coisa intuitiva a grande maioria das mulheres gosta e se aventura na maquiagem, pode não saber se maquiar mais faz né?

Então a pessoa que tem um jeito melhor pra fazer, algumas né claro, acaba que às vezes se colocam... se intitula maquiador sem nenhuma formação e sem nenhuma experiência porque o que eu digo sempre, maquiar a própria tela é muito fácil eu conheço meu rosto eu sei o que, que eu gosto que eu não gosto que, que eu quero valorizar que eu não quero. Agora tu maquiar diferentes tipos de pele, diferentes tipos de rosto, diferentes problemas que tu encontra pele com melasma, com vitiligo com esse tipo de coisa. Então isso é o que diferencia alguém que sabe se maquiar e que gosta, e alguém que é maquiador por ofício porque estudou pra'quilo ali ou porque a experiência, ah eu nem falo tanto em formação, porque a formação a formação é uma coisa muito relativa eu ano um curso longo no SENAC e se eu te disser que eu aprendi alguma coisa muito nova que eu não sabia to te mentindo.

Cita também o fato de que, nos salões de beleza, os estilos de maquiagem são muito parecidos: “Preto no canto do olho e prata”, diz entre risos que parece um carimbo: “Entra todo mundo diferente e sai todo mundo igual”.

Ao longo da entrevista, pude perceber através da sua fala e do brilho em seu olhar, a paixão pelo ato de maquiagem, a maquiagem para ela, é como pintar um quadro em branco, sempre respeitando a individualidade de cada pessoa. Nessas páginas encontra-se a trajetória profissional de Jane que, ao que parece se contra em um “conto de fadas profissional”, pois segundo ela, demorou um tempo para se dar conta de que a rotina não lhe fazia bem, lhe “matava” e incomodava. Foi com o auxílio de uma amiga que presta serviços de coaching, que ela entendeu que talvez ela não goste exatamente de maquiar as pessoas, mas de cada dia ser, de fato, uma surpresa. Devido à rotina de fazer os mesmos procedimentos todos os dias e ver as mesmas pessoas, no mesmo ambiente, trazia para sua vida uma insatisfação pessoal, mas não sabia o motivo. Hoje ela sente prazer em levantar cedo – às vezes muito cedo – para ir trabalhar.

Ainda a acompanho por meio de suas redes sociais – agora a sigo em todas – e de fato, é perceptível o prazer que sente em trabalhar com a maquiagem. É possível que, de fato, Jane viva em um conto de fadas.

6.2. Diferentes trajetórias e o mesmo sonho

Conhecer a trajetória profissional das maquiadoras permite identificar e entender os pontos de inflexão (*turning points*), ou seja, “momentos nas histórias em

que o narrador significa uma mudança radical no curso esperado de uma vida (RIESSMAN 2000, p.21, tradução livre)".

À exceção de Daiane, que iniciou sua carreira na área da beleza bastante cedo - corroborando a constatação de Hughes (1958), de que as idades de entrada na vida profissional passaram por grandes mudanças, cada vez mais cedo, as pessoas iniciam seus percursos profissionais - todas as participantes iniciaram sua vida profissional ocupando cargos em empresas formais, guiadas pelo Modelo Moderno de carreira proposto por Chanlat (1995), assumindo o *status* de categorias sociais já aceitas pela sociedade (HUGHES, 1937). Contudo, no decorrer das narrativas foi possível perceber que em alguns casos, o comportamento de alguns superiores das entrevistadas, apresentava resquícios da carreira tradicional no que tange a hierarquia. Isso pode ser exemplificado no seguinte trecho da entrevista de Denise, quando se refere ao segundo emprego:

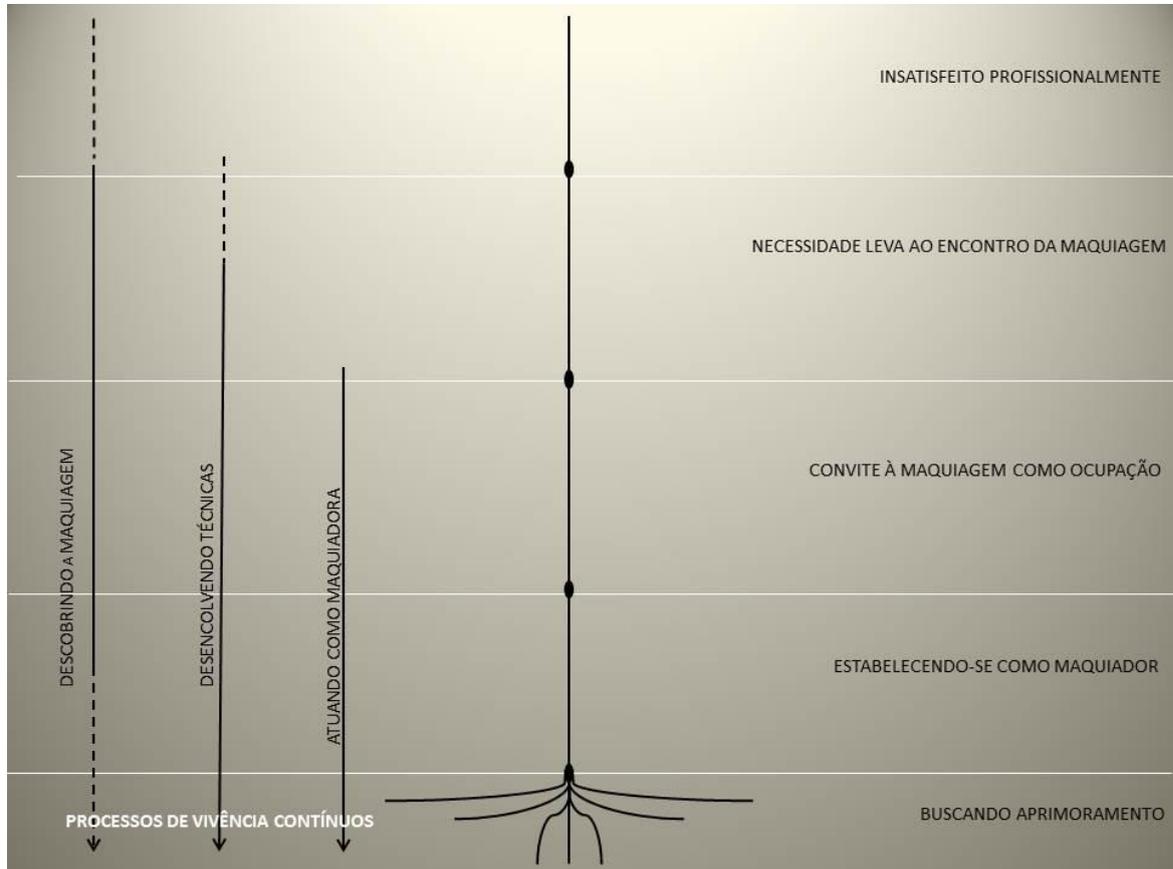
[...] E eu trabalhava também de secretária porque, chegavam os clientes, tinha que receber os clientes, tinha que fazer pedido de pneu e ainda fazia coisas de faxina, tinha que varrer toda a sala, o ambiente que eu ficava lá, limpar banheiro, fazer café, ou seja, eu era mil e uma utilidades assim, meio Severino e eu detestava né? Porque não era o que eu queria fazer né?

Situação que acabou se repetindo na empresa onde atuou em seu segundo emprego, devido ao fato de a empresa estar quase falindo, e ela não possuir quase nenhuma tarefa a realizar:

Então eu ficava das oito, ou das oito e meia até às cinco e meia da tarde sem nada pra fazer, era horrível. Fora que eu fazia serviços pessoais para os chefes com pagar contas pessoais, ia a pé, caminhava um monte só pra ir no banco lá dos chefes pra pagar conta deles. Comprar bala, comprar rapadura pros chefes, comprar pizza pros chefes, sabe? (Denise)

A partir das narrativas foi possível representar graficamente os pontos em comum na trajetória da carreira das maquiadoras conforme a figura abaixo:

Figura 1 - Representação da Trajetória das Maquiadoras



Fonte: Adaptado de DeLuca (2015, p.103)

Na figura acima, a linha longitudinal no centro da figura, caracteriza a trajetória de vida das maquiadoras e os círculos pretos que dividem sua extensão são os pontos de inflexão (RIESSMAN, 2000), nomeados à direita da figura e que significam uma vivência mais proeminente na faixa temporal. Os pontos de inflexão também iniciam outros processos constantes à direita da figura, cujas linhas pontilhadas significam processos que, em algum momento são interrompidos e voltam a acontecer, enquanto os traços contínuos representam processos ininterruptos desde seu início, como é possível verificar nas flechas na base da figura da mesma forma se encontram as possibilidades futuras. São apresentados a seguir, os pontos em comum das trajetórias das maquiadoras.

6.2.1. Insatisfação Profissional: o conflito e o dilema

Hughes (1937) entendia que todos os indivíduos possuem uma carreira, ainda que esta não seja desenvolvida em uma empresa ou organização burocrática. É por meio dela que as pessoas idealizam seu papel social, o que pode gerar ou não conflito entre papel e *status*. Para fins de entendimento, o papel social é o produto social gerado pela concepção que o indivíduo possui de si mesmo em relação aos outros, podendo vir a carregar um padrão de obrigações e privilégios objetivos (HUGHES, 1937) tornando-se histórico, ou seja, um indivíduo pode tê-lo desempenhado em um momento, e passou a ser replicado ao longo da história. O *status* é uma forma elementar de cargo que, por sua vez, é um conjunto de obrigações e privilégios, aos quais o indivíduo se submete em determinadas situações, formalizando um ritual inerente da sociedade. O ingresso nesse *status* de acordo com Hughes (1937), não é uma questão de escolha, pois em determinadas sociedades ele já é predeterminado.

As maquiadoras narram em suas histórias que passaram por um momento em sua vida, em que aconteceu um fato relevante que as fez parar para pensar em suas vidas profissionais, pois sentiam que havia algo que as incomodava fazendo com que elas sentissem que não estavam no lugar em que desejariam estar, que esse não estavam cumprindo o papel social que desejavam. Esses momentos de reflexão no qual o indivíduo passa a desejar a mudança e de fato decide mudar são chamados de pontos de inflexão (*turning points*). A tabela quadro abaixo mostra o momento em que o conflito se estabeleceu em suas vidas.

Table 1 - Momento de Estabelecimento de conflito**SANDRA**

“Um dia eu tava viajando, assim, e eu precisei faltar em um dos meus empregos e eu recebi uma super estupidez do meu chefe, e eu digo: não quero mais isso pra mim. Eu tava no Uruguai, gastei mais de ligação do que eu ganharia naquele plantão pra deixar avisado que eu faltaria pra não deixar eles desfalcados e ouvi um monte de desaforo então eu me revoltei.”

DENISE

“Tirando o primeiro emprego, eu ganhava pouco né? Eu nunca fui realizada profissionalmente, tanto que eu pedia demissão em todos os empregos, só o primeiro que não né? E sempre ganhava pouco, sempre queria mais, sabe? E eu já tava quase formada e não me surgia nada melhor e as minhas amigas geralmente tavam em uma empresa multinacional ou trabalhavam em bancos ou alguma coisa, e eu sempre aquelas empresas “de merda” assim sabe? Desculpa o termo.” [Risadas]

DAIANE

“Então eu comecei a perceber que às vezes eu não dava a devida atenção praquela cliente pelo pouco tempo que eu tinha. Então ela chegava na minha cadeira, eu começava a fazer, e só conversava com ela em relação ao que que ela tinha ideia de fazer, já fazia a maquiagem e já era outra e já chegava uma cliente atrasada eu já ficava braba daí e fazia de cara feia sabe? E isso começou a me gerar uma coisa bem negativa e eu não tava feliz assim...”

JANE

“Pois é uma coisa que é eu não sabia: o quanto a rotina me matava. Eu não tinha essa ideia, do quanto trabalhar num lugar todos os dias, fazendo a mesma coisa, vendo as mesmas pessoas, o quanto isso me incomodava. Então eu tinha uma coisa, uma insatisfação pessoal isso fui descobrir na terapia tempos depois, mas eu tinha uma coisa de insatisfação pessoal (...) que eu não sabia o que, que era. Que me incomodava e que eu ficava... eu trabalhava, eu me empenhava, mas eu sabia assim não era aquela coisa que eu acordava assim: Uhuuu! hoje vou pro trabalho.”

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Para Hughes (1937), o indivíduo pode enfrentar momentos de conflito, no qual existe a contradição entre o que ele entende ser o seu papel social e aquilo que é seu *status*, isto é, existe um conflito entre os aspectos objetivos e subjetivos de sua carreira. No caso das entrevistadas, o conflito se deu pelo fato de elas atuarem profissionalmente em cargos estabelecidos e consagrados pela sociedade, e ao mesmo tempo, sentirem que não era isso o que desejavam fazer, não se sentiam realizadas.

É possível que em algum momento, ocorra uma contradição entre aspectos objetivos, ou seja, um mesmo indivíduo poderá se deslocar ao longo de sua carreira, entre *status* distintos e conflitantes. Nele, a pessoa vive em um mundo onde poderá encontrar em um mesmo *status* de pessoas de *status* de diferentes origens, ficando entre estes, o indivíduo se verá no dilema de “ser um ou ser outro” (DeLUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014, p. 6).

6.2.2. A necessidade leva ao encontro da maquiagem

O descontentamento acerca de suas profissões, também gerou uma insatisfação pessoal, a qual desencadeou uma série de problemas, inclusive de saúde física como narra de Daiane:

[...] Um dia eu acordei com o meu braço todo doendo e eu fui fazer uma massagem com uma moça que trabalhava ali no salão e ela ficou impressionada com a quantidade de nós que eu tava nos ombros, assim por causa da tensão né... Então eu não conseguia virar a cabeça pro lado me deu um torcicolo também. Então foi a primeira vez e única vez porque eu não vou deixar mais isso acontecer, que toda aquela tensão, aquele stress refletiu no meu corpo físico, já aconteceu sim

A saúde emocional também sofreu consequências no caso de Denise que fala sobre o seu sentimento ao simples pensamento de ir trabalhar:

Me sentia um lixo. Bah, muito rebaixada assim. Eu chegava em casa todo dia chorando, chegou uma época que meu marido falou assim: “Tá, tu tem que sair daí, porque tu só reclama, tá sempre chorando sempre mal, tá te estragando”. Foi aí que eu pedi demissão né?

Quanto à Daiane, que há dez anos trabalhava como maquiadora, a insatisfação se fez, no momento em que percebeu que o formato de trabalho que tinha no salão de beleza de seus pais, de manhã até a noite quase todos os dias desde muito jovem, acabou por cansá-la, a ponto de atender suas clientes de “cara feia”. Outro motivo apontado por ela foi o fato de ela não poder ser criativa em suas maquiagens:

[...] eu sentia que eu tava muito limitada no sentido de criação que eu passava praticamente - o gaúcho ele é bem resistente né pro que é diferente – então eu passava só fazendo maquiagem bege com marrom, e eu achava que o meu potencial era maior do que isso fazer só maquiagem bege com marrom. Então eu acabei saindo pra mim poder conseguir criar mais coisas diferentes assim, me expressar de diversas formas assim.

Conta que também se sentia incomodada ao fazer o que ama de forma tão “robótica”, pois tinha que atender suas clientes em 30 minutos nos finais de semana, trabalhando por quase doze horas com pouco tempo para descansar. Relatou que a

decisão de se desligar do salão para seguir os seus sonhos, acabou por deixar seus pais chateados, contudo, após o episódio de adoecimento físico tomou a decisão de sair e continuar seu trabalho de maneira mais livre e autônoma.

Como é possível constatar nas narrativas localizadas no apêndice deste trabalho, bem como na narrativa de Jane apresentada a no início deste capítulo, que maquiagem havia surgido de maneira relevante, no período de adolescência de Sandra, Daiane e Jane. Sandra, ao ingressar na faculdade aos dezoito anos, acabou deixando a maquiagem em segundo plano, contudo, Daiane e Jane mantiveram o contato com a maquiagem, a primeira por atuar como maquiadora desde os quatorze anos de idade, a segunda como uma atividade paralela ao seu trabalho formal.

A necessidade de realização pessoal e conseqüentemente, a vontade fazer algo de que se gosta, passou a ter considerável valor na vida das maquiadoras. De acordo com Hughes (1937), “o conflito poderá trazer uma profunda mudança na vida de uma pessoa”, que neste momento utilizará seu potencial de metamorfose (VELHO, 2003 apud DeLUCA, ROCHE-DE-OLIVEIRA e CHIESA, 2014), para atingir as metas desejadas dentro do campo de possibilidades que está à sua volta. Outro fator e comum à narrativa das entrevistadas foi o medo da mudança, de trocar um trabalho que oferece a segurança de vínculos empregatícios por um que até pouco tempo não era visto como profissão: maquiadora, indicando *turning points* em direção à profissões não tradicionais.

Diferentes necessidades trouxeram a maquiagem para a vida das entrevistadas, para Sandra que teve seu primeiro contato a maquiagem aos 13 anos, o maior motivo que a levou a optar pela maquiagem como ocupação profissional, foi a necessidade de poder cuidar de sua família e ter maior qualidade de vida, pois, pelo fato de trabalhar em três lugares distintos, e um dos quais trabalhava à noite. Já Denise, possuía a necessidade de trabalhar em algo que lhe desse prazer e que a fizesse sentir que atuava em algo importante, pois estava finalizando seu curso superior em Administração e até aquele momento, só havia trabalhando em empresas que não exploravam seu potencial como profissional. Quando à Jane, sentia que continuar a rotina que possuía uma ânsia em relação ao cargo que ocupava e a rotina diária do mesmo lugar com as mesmas pessoas. Um pouco diferente, é a necessidade de Daiane, pois apesar de já ser maquiadora e fazer o que gosta, a carga horária intensa, o fato de ela não poder exercer sua criatividade e

também a pressão dos pais para que ela tomasse conta do salão de beleza dele, acabaram por fazer com que ela saísse em busca de seus sonhos.

A partir de todo o descontentamento causando pelo conflito entre permanecer onde se estava, a decisão de mudar foi tomada, a de sair dos empregos e efetivamente ir à busca de sua “felicidade profissional”. Nessa etapa de suas vidas cabe evocar que, os pontos de inflexão revelam “ciclos de ocorrências naturais, períodos sombrios de desalento que são seguidos por momentos de alegre renovação de vida e esperança” (HUGHES, 1958, p.12, tradução livre). Desta forma, é possível compreender o movimento dessas maquiadoras em direção à sua realização profissional.

Como Sandra, Daiane e Jane já possuíam contato anterior com a maquiagem, inclusive maquiando outras pessoas, as circunstâncias de cada uma levou a pensar nesse ramo como ocupação. A exceção nesse sentido é Denise, que descobriu a maquiagem mais tarde e por acaso, enquanto lia notícia na internet. A foto de uma *blogueira* em um chamou sua atenção:

E eu vi acho que a foto dela falando de maquiagem, e era uma coisa que não me interessava antigamente. (...) Aí eu comecei a ver os vídeos dela e comecei a me interessar pela coisa, comecei a gostar sabe? Aí eu via os vídeos dela, tipo vários num dia, e eu comecei a gostar, comecei a gostar e na época ela não era tão famosa com ela é hoje, né? Ela trabalhava ainda na RBS e tudo.

Dessa forma, ela adquiriu interesse em aprender a se maquiar para testar as técnicas aprendidas nos vídeos da internet, e quando o seu rosto já não era mais “novidade” passou a maquiar outras pessoas também com intuito de praticar.

Diante do exposto, se deu o ingresso das entrevistadas no ramo da beleza admitindo a ocupação de maquiadoras, pois tinha a certeza de que essa, lhes traria a realização tão desejada.

6.2.3. Convite à Maquiagem Como Ocupação

A partir do momento da decisão de finalmente deixar para trás suas antigas ocupações, as entrevistadas passaram por um processo de entrada formal na ocupação de maquiadoras. Como visto na narrativa de Jane, sua oportunidade veio

por meio de uma seleção de maquiadoras da marca de cosméticos Natura, para a qual foi aprovada. Para esse processo de mudança ela teve apoio de seu gestor do bando onde trabalhava e também de sua família, o que para ela foi o que o aspecto que mais pesou na hora de decidir.

A um tanto parecido com a história de Jane, é a de Sandra que acabou por aceitar o convite de uma amiga que há muito tempo a convidava a vender produtos da marca de cosméticos Mary Kay, convite que ela sempre recusou, pois segundo ela não gostava de vendas. Com o dinheiro da venda de seu primeiro *kit*, ela conseguiu pagar o aluguel da casa na praia e passou a se interessar mais e, com isso vieram os cursos de maquiagem oferecidos pela própria marca. No entanto, devido à necessidade que sentia de que seu trabalho tivesse ainda mais credibilidade, continuou realizando cursos de maquiagem, inclusive à época da entrevista, ela estava fazendo um curso de maquiadora profissional em uma instituição especializada. Hoje, além de maquiar, ela ministra cursos para novas consultoras da marca, gratuitamente, e para o público em geral, de maneira paga.

Quanto a Denise, suas maquiagens foram caindo no gosto de suas amigas e também de pessoas da família até que uma amiga, que é fotógrafa, a convidou para trabalhar com ela como maquiadora. A esse pedido ela deu uma resposta negativa, pois não via a maquiagem como ocupação, e sim como algo que lhe dava prazer. Ao que parece, Denise estava em uma fase em que era imprescindível aprender, treinar em si e em terceiros, era um momento de amadorismo em que o indivíduo vivencia o amadorismo em seu sentido literal, sem qualquer intenção material ou econômica, a pessoa de fato ama aquilo que está fazendo e a não suporta a ânsia da espera (SENNETT, 2008).

Todavia sua amiga não aceitou as negativas e lhe fez uma proposta:

[...] então vamos fazer o seguinte, já que tu tá com medo, agora no começo, vamos chamar quatro meninas, bem diferentes umas das outras, meninas bonitas, assim. Tu vai maquiar essas quatro meninas e eu vou fotografar as quatro e vai ser tipo o teu portfólio. A gente não vai cobrar delas nada né? Não vou cobrar nada. “Vai ser o teu portfólio e daí a gente vai ver como vai ficar essas fotos e conforme for tu vê se tu tá segura, se tu não tá, se tu quer começar a maquiar”. E eu: “ta, beleza né?” (DENISE).

Após a experiência, convencida de que era capaz, iniciou seu trabalho maquiando as clientes da amiga fotógrafa, e devido a indicações destas, sua clientela foi aumentando e permanece fiel até hoje.

A carreira de Daiane tomou diferentes rumos após deixar o salão de beleza onde atuou por dez anos. Ainda faz maquiagens sociais e possui algumas das clientes do salão, e sua renda diminuiu. Além disso, ela trabalha com maquiagens artísticas que, segundo ela, apesar de amar a maquiagem e maquiar suas clientes, é o que satisfaz pessoalmente:

Então... A maquiagem artística eu comecei a fazer de... Eu acho que de uns 3 anos pra cá, mas atualmente ela não me dá nenhum retorno financeiro, ela só me dá satisfação pessoal, porque eu busco muito mais a satisfação pessoal do que a satisfação profissional. Eu acho que é bem importante a gente amar assim, o que a gente tá fazendo e não fazer que nem um robô né? [...] Ela me dá satisfação pessoal mesmo e visibilidade pro meu trabalho.

Para as maquiadoras, o início da prática da maquiagem aconteceu em um círculo íntimo seja de amizades ou de família, de que o apoio foi um dos elementos determinantes tanto na decisão deixar a antiga ocupação, quanto na escolha da maquiagem. A influência de pessoas próximas como facilitadores desse processo foi crucial como aconteceu no caso do início da carreira profissional de Daiane, em que sua mãe foi direcionando as clientes a ela e que ainda a procuram quando querem fazer uma maquiagem. De maneira semelhante, Denise teve auxílio de sua amiga cujas clientes dos ensaios fotográficos passavam a ser as suas clientes de maquiagem.

Para Sandra e Jane não foi diferente, a primeira teve o incentivo de uma amiga para que vendesse os produtos da Mary Kay, trazendo à tona a vontade de maquiar novamente, enquanto a segunda teve total apoio de seu gestor que a incentivou a aceitar o emprego como maquiadora da Natura, pontuando que caso ela não fosse, poderia ser uma profissional frustrada. E assim se deu o início de uma nova fase da carreira das entrevistadas, que tentam a cada dia conferir mais qualidade ao seu trabalho, obtendo a visibilidade e reconhecimento por essa ocupação que lhes proporciona grande prazer em realizar.

6.2.4. Estabelecimento a Carreira de Maquiadora

Já atuantes como maquiadoras, o reconhecimento de seus trabalhos começou a dar frutos. Esse reconhecimento veio por meio das próprias clientes, que

se utilizam da propaganda “boca a boca” e também das redes sociais nas quais exibem os trabalhos de que gostaram, sempre dando créditos para quem fez a maquiagem. As próprias maquiadoras acabam se utilizando das redes sociais, que hoje são muitas, para fins de divulgação de seu trabalho ou mesmo ensinar às pessoas a se maquiar. No que se refere a tais comportamentos, Krizek (2012) critica bastante essa prática, quando utilizadas por pessoas que não são maquiadores por formação. O fato de o ambiente da internet ser bastante democrática permite que pessoas que não são de fato maquiadores também criem *blogs* e canais no *Youtube* com finalidade de dar dicas de maquiagem. É nítida a sua aversão por esse comportamento, tal fato fica visível quando ele afirma que:

Nessa área há centenas de amadores e você precisa entender que eles não são nem de longe nossos concorrentes. Eles não entendem nada, nem de técnica. Não entendem nada relacionado à cosmetologia, de como lidar com as mais variadas clientes e situações, não possuem conduta profissional adequada, não conhecem o mercado de trabalho entre outros assuntos ligados à profissão (KRIZEK, 2012, p. 37).

Essa a crítica remete ao trabalho realizado por Denise, pois a mesma não possui qualquer curso, tendo aprendido todas as suas técnicas através de duas aulas de automaquiagem e um *workshop*. Contudo ela parece ser uma exceção, pois há mais de três anos, atua como maquiadora mantendo clientes fiéis e como ela diz “de dinheiro” e bastante exigentes, e também conquistando novas clientes a cada dia. Mesmo ainda não tendo atingido ao seu ideal de remuneração, seu trabalho é bastante conceituado. Ela não se vê como amadora por não ter curso em uma instituição especializada, em sua visão é uma profissional realizada.

Com seu trabalho, Sandra conquistou grande número de clientes, tanto para maquiar, quanto para os cursos que ministra. A repercussão de seu trabalho lhe rendeu convites para participação em inúmeros eventos, trabalhos com o caderno Donna do jornal Zero Hora e também com alguns maquiadores conceituados do ramo. Atualmente é colunista de uma revista digital voltada ao público *plus size*, na qual escreve sobre seu assunto preferido: maquiagens. É também maquiadora do evento Miss/Mister Rio Grande do Sul Plus Size.

Quanto à carreira de Daiane, esta foi se estabelecendo ao longo dos 10 anos em que trabalhou no com seus pais, devido a repercussão de seu trabalho com maquiagem social, ela foi convidada a maquiar as modelos para o desfile da faculdade de Moda da Universidade Feevale e também da Universidade Luterana do

Brasil (Ulbra). Convites para trabalhar em editoriais de moda de duas marcas sustentáveis, também enriquecem seu currículo. Este ano recebeu uma proposta para realizar nove maquiagens artísticas em modelos de uma campanha das Lojas Riachuelo. Atualmente, faz parte de um projeto juntamente com uma fotógrafa, no qual ela faz maquiagens artísticas temáticas, apenas pelo desejo de “compartilhar sua arte”.

Quanto à Jane, devido à marca para qual trabalha, além de estar vivendo o sonho de trabalhar fazendo o que gosta e, da maneira que gosta, ou seja, vivendo diferentes experiências a cada dia, tendo a possibilidade de conhecer inúmeras pessoas devido às viagens para ministrar *workshops* para as consultoras da Natura em todo o Brasil, para dar maior atratividade às vendas de produtos e ao próprio evento e também incentivar as vendas. Quando foi contratada, seu período de atuação no projeto seria de apenas um ano, e atuando somente no Rio Grande do Sul, contudo, devido ao sucesso do projeto, agora é permanente.

Além de ministrar as capacitações cursos para as consultoras ela ainda participa duas vezes por ano, do São Paulo Fashion Week, um dos eventos de moda mais significativos do país. No evento, ela maquia as modelos do desfile de acordo com o croqui⁷ feito por Marcos Costa – o maquiador que fez sua audição no dia da seleção em que foi aprovada - e também fica à disposição dos visitantes do evento, entre os quais encontram-se blogueiras de moda e maquiagem e várias celebridades.

Denise e Daiane possuem uma opinião em comum quando se trata de maquiagem no Rio Grande do Sul. Ambas são bem sucedidas em sua ocupação, contudo veem o Estado como pouco receptivo á novas técnicas de maquiagem, para Daiane o gaúcho é muito fechado pra coisas novas, prezando sempre a tradição, o que dificulta um pouco a expressão de criatividade de muitos maquiadores. Já para Denise, a dificuldade fica por conta da dificuldade em encontrar cursos diversificados e inovadores no ramo da maquiagem.

No que diz respeito às suas carreiras acerca da maquiagem, estão bem fixadas e que seu caminho até o presente momento, é de sucesso e conforme percebido durante as narrativas a tendência é que continue sendo, pois a paixão que sentem ao maquiar faz com que elas trabalhe para esse fim.

⁷ Esboço feito à mão de uma pintura, desenho, planta ou projeto arquitetônico.

A atuação das maquiadoras participantes pode ser entendida como a profissão do tipo profissional (CHANLAT, 1995), devido à sua necessidade que elas possuem de contínua especialização. O avanço de suas carreiras se dá através das experiências adquiridas ao longo do tempo e também pelo seu reconhecimento como profissional. A grande mobilidade que faz parte de seu cotidiano é umas das características mais marcantes de sua profissão e, de acordo com o autor, esse é um dos motivos pelos quais elas assumem uma lealdade em relação ao seu trabalho.

6.2.5. A Busca pelo Aprimoramento

A busca pelo aperfeiçoamento de técnicas é mais marcante na trajetória de Sandra e Daiane. Sandra realizou várias capacitações ao longo de sua trajetória como maquiadora desde seu primeiro curso de automaquiagem para as apresentações de balé:

[...] Eu fiz um curso, lá na cidade [Rio Grande], eu fiz dois cursos que a Renner fez no começo dela, ela fazia todos os produtos tinham uma linha de curso de maquiagem, aqui em Porto Alegre eu fiz um curso da Payot, eu fiz dois cursos com o Jorginho Goulart, eu fiz um curso de visagismo, que eu acho legal, acho uma ideia muito diferenciada. Sempre que eu descobria que tinha algum cursinho assim, eu ia fazer. A minha ideia nunca foi ser uma maquiadora, mas acabou que as coisas vão surgindo e a gente vai... eu fazia os cursos pra aprender a fazer em mim, porque depois que eu parei de fazer pra ganhar um dinheirinho lá com as gurias, eu fazia pra mim, me satisfazer agora eu tô voltando a me profissionalizar (Sandra)

Para Sandra é de grande importância os maquiadores de atualizarem das tendências de moda e até hoje, ela aproveita os cursos interessantes que aparecem para agregar mais valor e qualidade ao seu trabalho, o que vai de encontro a uma das premissas de Krizek (2012) para um bom maquiador, que é a de sempre buscar aprimoramento de técnicas para que o profissional não se torne obsoleto em meio a tanta concorrência.

Daiane segue a mesma linha de pensamento, sempre que aparece uma oportunidade de aprender uma nova técnica que a interessa, ela aproveita para aprender. No momento, ela realizando um curso online direcionado para a maquiagem artística e todo o trabalho que realiza, compartilha em suas redes sociais como forma de compartilhar a sua arte, preceito que vê como fundamental em seu trabalho “porque nos dias de hoje as pessoas elas estão muito focadas nos

problemas assim, e a gente tanta mudar um pouquinho assim, essa realidade que dos nossos amigos compartilhando essa mensagem ali que a gente tem pra passar”.

Quando se refere ao aprendizado e renovação de técnicas, Denise não se mostra animada, possui a ideia de que não irá fazer um curso somente para ter certificado, pois acredita que tudo o que será mostrado nas aulas, ela já sabe. Conta que tem bastante vontade de fazer um curso em São Paulo, pois é onde tem os melhores cursos e professores, contudo, são caros e no momento ela não possui condições. Com relação às feiras de beleza onde são apresentadas todas as novidades, ela demonstrou maior interesse, pois sempre que possível ela participa: “Ano passado eu fui na Beauty Fair [...] eu participei do Congresso Internacional de Maquiagem que foi bem legal, bem interessante assim, sabe?”

A exemplo de Daiane, a maquiadora Jane possui uma longa experiência na maquiagem, e sua atualização quanto às técnicas é feita com bastante frequência, pois por trabalhar com um profissional extremamente qualificado e o seu trabalho exigir que ela esteja atualizada, ele se encarrega de passar a ela o conhecimento necessário.

É de grande importância que aos maquiadores se atualizem, pois novas técnicas e produtos de tecnologia avançada são lançados quase que diariamente e, além disso, a concorrência é grande nesse mercado. Como visto anteriormente, Krizek (2012) não entende *blogueiras* e *vlogueiras* de maquiagem e também maquiadores informais e sem especializações na área, como concorrentes pelo fato de as mesmas não possuírem conhecimento específico sobre técnicas, tipos de pele e outros necessários para ser um bom maquiador. Contudo, nem todos os maquiadores possuem essa visão, entendendo os maquiadores profissionais como concorrentes:

Pois é, acho que tem muito isso assim sabe? Acho que todo... porque como é uma coisa intuitiva, a grande maioria das mulheres gosta e se aventurar na maquiagem pode não sabe se maquiar mas faz né! Então a pessoa que tem um jeito melhor pra fazer - algumas né claro- acaba que às vezes se colocam... Se intitula maquiador sem nenhuma formação e sem nenhuma experiência porque o que eu digo sempre, maquiar a própria tela é muito fácil eu conheço meu rosto eu sei o que, que eu gosto que eu não gosto que, que eu quero valorizar que eu não quero. Agora tu maquiar diferentes tipos de pele, diferentes tipos de rosto, diferentes problemas que tu encontra: pele com melasma, com vitiligo com esse tipo de coisa. Então isso é o que diferencia alguém que sabe se maquia e que gosta e alguém que e maquiador por ofício porque estudou pra aquilo ali ou porque a experiência, há eu nem falo tanto em formação, porque a formação a formação é uma coisa muito relativa, eu fiz um curso longo no SENAC e se eu te disser que

eu aprendi alguma coisa muito nova que eu não sabia tô te mentindo.
(JANE)

Daiane também percebe as blogueiras como concorrentes e seu trabalho, no entanto, vê como uma concorrência saudável, porém com algumas ressalvas:

[...] Eu acho que as coisas elas tendem sempre a se comercializar né? Hoje em dia tem placa de “ai seja cabeleireiro e ganhe tantos mil...” E a mesma coisa acontece com maquiador e com fotógrafo também né? Então isso é normal, mas ao mesmo tempo eu acredito que a gente precisa ter essa concorrência pra tá sempre buscando ser melhor, entendeu. Eu acho que isso ajuda a gente a sempre buscar um destaque no teu trabalho, sempre buscar fazer alguma coisa que ninguém ainda fez por aqui pelo menos né? Eu acho que é necessário. É complicado? É mas eu acho que existe um espaço pra todo mundo, acho que todo mundo tem que... E o que eu percebo, é que vem essas modas de muita maquiadora, só que eu percebo que as pessoas não têm persistência de continuar fazendo o trabalho. Elas vão ali, fazem uma página, botam uma maquiagem lá uma vez por mês e daqui a pouco elas nunca mais botam nada, daqui a pouco elas colocam. Ou não investem em bons materiais, materiais de qualidade e isso tudo vai influenciar no resultado final do teu trabalho, na divulgação do teu trabalho. Então eu percebo isso, que as pessoas não têm muito essa persistência. Tem muita gente querendo... se iniciando maquiador, mas eu não vejo uma responsabilidade de tá toda semana ali dando aquela assistência pro público e tá sempre divulgando ali o seu trabalho assim.

Um fato curioso acerca do aprendizado da maquiagem, é que àquelas que possuem curso em instituições especializadas, valorizam muito este aprendizado, e geralmente criticam que não o tem. Já no caso de Denise que não possui o aprendizado formal, não vê a necessidade de realizar cursos nestas instituições, a menos que seja para aprender técnicas diferentes e bastante específicas. Neste sentido, Daiane entende que mesmo que não haja o aprendizado institucional, toda a concorrência é um incentivo de aprimoramento de seu trabalho. No que diz respeito à formação, parece que aquelas que realizaram cursos especializados, acham eu estes, são melhores que aqueles não institucionalizados. De qualquer maneira, necessário que se esteja atento às novidades relativas à maquiagem, buscar novas técnicas e métodos e ter domínio das tendências de mercado e trabalho. Diante do quadro apresentado acerca da trajetória de maquiadoras da grande Porto Alegre seguem-se as considerações finais

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das narrativas de vida profissional de quatro maquiadoras que, se propuseram a contribuir com essa pesquisa, foi possível alcançar os objetivos propostos. Perpassando pelos momentos de conflitos que as levaram à busca pela satisfação pessoal e profissional, o que não possuíam em suas ocupações anteriores, até o momento em que encontraram na maquiagem a oportunidade trabalhar em uma atividade a qual realmente apreciavam e transformá-la e ocupação profissional. Para elas, exercer a ocupação de maquiadora aparentemente é um “sonho realizado”. Sendo assim, foi possível responder a questão problema apresentada na introdução deste trabalho: como as maquiadoras têm desenvolvido as suas carreiras profissionais?

Para tanto, foi utilizada a conexão de análise entre uma pessoa e sua ocupação, que pôde ser realizada por intermédio do conceito de carreira de Hughes (1937), onde esta significa todos os aspectos da vida do indivíduo.

Em relação aos objetivos específicos, a pesquisa identificou que a maior influência na escolha pela maquiagem como ocupação profissional é a possibilidade de ter em uma profissão o bem-estar que não possuíam em seus trabalhos anteriores, nos quais geralmente, ocupavam um cargo cujo papel social (HUGHES, 1937) não as satisfazia profissional ou pessoalmente. Em todas as narrativas esse desejo foi identificado, sentiam a urgência de ter como ocupação profissional uma atividade da qual gostassem e na qual sentissem prazer ao pensar nesse trabalho. Um aspecto interessante foi o fato das maquiadoras Daiane e Jane, terem comentado sobre a cobrança de um baixo valor pelos serviços, fato que corrobora a afirmação de Krizek (2012) e também de Sandra, quando falam sobre a desvalorização da profissão de maquiadores.

Ao longo das narrativas, foi possível perceber que a busca por maior qualidade de vida também teve um grande peso na decisão de deixar os empregos que possuíam e também na escolha por atuar como maquiadoras. Casos de adoecimento físico, aversão ao simples fato pensar em entrar na empresa onde

trabalhavam irritabilidade com clientes e inquietude pelo fato de possuir a mesma rotina todos os dias, foram realidades apresentadas pelas entrevistadas e que contribuíram em suas decisões, bem como a falta de flexibilidade e tempo de lazer com a família e amigos.

Foram também identificados, os *turning points* ao longo de suas carreiras, iniciando-se com o momento de insatisfação profissional. Todas passaram pelo conflito de permanecer na posição em que estavam e, pelo dilema de decidir manter-se neste lugar e seguir assumindo o status da profissão formal, ou desvincular-se da mesma, assumido um novo risco em nome de exercer a profissão com a qual se identificavam. Tal insatisfação acabou por criar uma necessidade comum a cada uma: gostar do que se faz e sentir entusiasmo em trabalhar, não pensando somente no retorno financeiro e no *status*. Há também as necessidades específicas quais sejam ter momentos de lazer com família e amigos, seguir um sonho, de utilizar seu trabalho como arte ou mesmo, a necessidade de não fazer as mesmas coisas todos os dias, podendo interagir com pessoas diferentes. Essa necessidade acabou por levá-las e ver a maquiagem com a qual já tinham contato como uma possível ocupação tendo, na maioria das vezes, o apoio necessários de outra pessoa para que elas dessem o primeiro passo para o início do trabalho como maquiadora.

Observou-se que os convites a ingressar na ocupação de maquiadoras como profissionais, vieram após o reconhecimento e aceite por parte de outras pessoas, das maquiagens feitas pelas mesmas e divulgadas em sua maioria, nas redes sociais. À exceção de Daiane que já era profissional, tais convites vieram de maneiras distintas, contudo as levaram ver a si mesmas como maquiadoras profissionais, o que lhes conferiu maior confiança de ingressar ocupação desejada, mesmo para aquela que não possui aprendizado de técnicas em instituição especializada.

O momento atual para as quatro maquiadoras, é de busca de aprimoramento de suas técnicas, o que é visto por Krizek (2012) e Instituto Krizek (2008), como fundamental para a excelência do trabalho realizado pelas profissionais. Para isso, estas permanecem buscando cursos, interessantes e que proporcionem maior qualidade e beleza ao trabalho que desenvolvem.

Constatou-se também quais são os indicadores de reconhecimento do trabalho das participantes. Primeiramente, há as indicações de seus trabalhos feitas por clientes a outras pessoas, pois quando se divulga a foto de uma maquiagem,

surgem mais clientes que por sua vez, acabam por indicar seu trabalho para outras. O sentimento de satisfação ao simples ato de maquiar, também figura entre os fatores de sucesso, pois todas as entrevistadas, sem exceção afirmam amar sua profissão – enfatizam a palavra amor - bem como afirmam se sentir felizes por exercer tal função, e isso fica muito claro, quando falam que não se importam em trabalhar aos finais-de-semana, feriados ou mesmo acordar as quatro da manhã, por exemplo, para maquiar uma cliente. Outro aspecto percebido nas narrativas é o fato de que, elas têm noção plena de possuírem o poder de transformar suas clientes e fazer com que estas sintam-se mais belas e mantenham sua autoestima. Convites para participação em importantes eventos do setor de beleza e estética, bem como para representar de marcas específicas, além do privilégio de serem suas próprias chefes, também são vistos pelas como indícios de sucesso.

Fica claro que um fator de bastante relevância e que, da mesma forma confere sucesso às carreiras das maquiadoras, é sua remuneração. As quatro entrevistadas afirmaram que sua remuneração obteve significativa melhora a partir do início da atuação como maquiadoras.

Alguns pontos negativos, apesar de raros foram apontados durante a análise das narrativas. Apesar de o fator financeiro ter sofrido considerável aumento, em alguns casos, ainda não chegou a um estágio considerado ideal, sendo visto um ponto a melhorar visto que não é sempre há maquiagens durante a semana, sendo no final de semana, seus melhores dias de trabalho. Embora a atuação de maquiador tenha sido regulamentada em 2012, talvez pelo fato de não haver fiscalização desta, ou mesmo divulgação sobre a Lei nº 12.592/2012, a falta de reconhecimento desta ocupação como profissão por grande parte da sociedade, indo de encontro com os apontamentos de Krizek (2012).

A falta de incentivo e abertura às novidades referentes a técnicas de maquiagem e no Rio Grande do Sul é igualmente citada como uma questão desfavorável às profissionais.

6.1 Limitações da pesquisa

A pesquisa teve algumas limitações durante a seu percurso: primeiramente houve a dificuldade em encontrar maquiadores que desejassem participar da mesma. No início foram oito profissionais captados, contudo alguns pararam de responder às solicitações, outros desistiram.

Houve dificuldade também, quanto à coleta das informações, pois mesmo assinando o termo de consentimento que continha a informação de que os dados da pesquisa não seriam divulgados, bem como, a confirmação da pesquisadora a respeito dessa, e que por esse motivo, elas poderiam ser bastante sinceras em sua narrativa, percebeu-se que em alguns momentos a maioria das entrevistadas esforçava-se para falar somente sobre lado positivo e *glamouroso* de ser maquiadora. Evitaram grande parte do tempo, tocar nos aspectos negativos da atual profissão, contudo não houve reservas, em relatar todos os pontos negativos referentes às empresas anteriores. Isto foi mais percebido nas narrativas das duas maquiadoras que representam marcas, tal fato pode ter alterado os resultados da pesquisa quanto a real satisfação delas.

Outra limitação foi a falta de acesso a maquiadores do gênero masculino. Pois a coleta de informação destes possibilitaria um quadro mais amplo e rico em detalhes acerca da carreira de maquiadores, inclusive a respeito de como é vista a entrada de homens no ramo da beleza, em especial da maquiagem.

6.2 Sugestões de estudos futuros

Por fim, a pesquisadora aponta algumas sugestões de estudos futuros:

- a) Realizar entrevistas narrativas com um número maior de maquiadores, de cidades diferentes para que um quadro mais amplo se já formado a respeito da profissão de maquiador (a);
- b) Incluir em estudos futuros, maquiadores do gênero masculino, que estão se inserindo em grandes números no mercado, a fim de entender também como é a trajetória destes, para que seja possível confrontar com a maneira como se desenvolve a carreira de maquiadoras;

- c) Entrevistar blogueiras de maquiagem a fim de entender a sua relação com a própria maquiagem e com maquiadores profissionais, bem como a relação inversa;
- d) Pesquisar mais a fundo, o motivo pela cobrança de um baixo valor, o que ocorre mais no início da profissão, e entendido como um “valor simbólico”.

REFERÊNCIAS

ABIHPEC. Em ascensão, mercado da beleza brasileiro busca profissional qualificado e serviços inovadores. Disponível em: <<http://www.abihpec.org.br/2014/02/em-ascensao-mercado-da-beleza-brasileiro-busca-profissional-qualificado-e-servicos-inovadores/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

ARTHUR, Michael B. **Examining contemporary careers**: A call for the interdisciplinary inquiry. In: __ Human Relations. vol. 61, n. 2. Los Angeles, 2008. Disponível em: <http://www.sagepub.com/greenhaus4e/study/chapters/articles/Chapter_14_Article01.pdf> Acesso em: 07 jun. 2015.

AVELAR, Cátia F. P. de, VEIGA, Ricardo T. Como entender a vaidade feminina utilizando a autoestima e a personalidade. In: __ **RAE**, vol. 53, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol53-num4-2013/como-entender- vaidade-feminina-utilizando-autoestima-personalidade>>. Acesso em: 27 mai. 2015.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard. S. A história de vida e o mosaico científico. In: __: **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Hucitec: São Paulo, 1992, p.101-115.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERTUCCI, Janete L. O. **Metodologia básica para elaboração de trabalho de conclusão de curso (TCC)**. São Paulo: Atlas, 2008.

BRASIL. **Lei n. 12.592**, de 18 de janeiro de 2012. Dispõe sobre o exercício das atividades profissionais de Cabeleireiro, Barbeiro, Esteticista, Manicure, Pedicure, Depilador e Maquiador, Disponível em <<http://www.egov.ufsc.br/porta1/conteudo/lei-n%C2%BA-125922012-e-regulamenta%C3%A7%C3%A3o-da-profiss%C3%A3o-de-cabeleireiro-e-afins-uma-lei-in%C3%BAtil-e-uma>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

BRASIL PROFISSÕES. Maquiador. Disponível em <<http://www.brasilprofissoes.com.br/profissao/maquiador/>> Acesso em: 30 mai. 2015.

CARREIRA BEAUTY. Maquiador Profissional: dicas para crescer no mercado de trabalho. Disponível em <<http://blog.carreirabeauty.com/dicas-para-profissao-de-maquiador/>> Acesso em: 10 dez. 2015.

CHANLAT, Jean François. Quais carreiras e para qual sociedade? In: RAE, vol.36,n.6, 1995. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol35-num6-1995/quais-carreiras-para-qual-sociedade-i>> Acesso em: 22 mar. 2015.

DeLUCA, Gabriela. **“Você só tatua?”**: a trajetória profissional no campo da tatuagem. 2015. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós – Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração, Porto Alegre, 2015. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000965371&loc=2015&l=f3f906104807ac28>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

DeLUCA, Gabriela; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; CHIESA, Carolina Dalla - Contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre Carreira: Projeto e Metamorfose de Indivíduos e Coletividades. In: __ ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, Rio de Janeiro: Anais do EnAnpad, 2014. Rio de Janeiro. **Anais...** 1 CD-ROM.

GLOWATSKI, Nayara; THEISEN, Jéssica Graciela. Perfil dos profissionais maquiadores da cidade de Balneário Camboriú. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cosmetologia e Estética) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2011. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Nayara%20Glowatski,%20Jessica%20Theisen.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUNZ, Hugh; PEIPERL, Maury. **Handbook of Career Studies**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2007. p.1-3.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. American journal of sociology, Chicago, vol.43, n. 3 nov. 1937, Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2768627?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 04 dez. 2014.

INSTITUTO KRIZEK. **A maquiagem como profissão**. Disponível em <<http://alexandrekrizek.blogspot.com.br/2008/01/coluna-maquiagem-como-profisso.html>> Acesso em: 31 mai. 2015.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing**: Uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2006. p.154-174.

MARTINS, Hélio Tadeu. **Gestão de Carreiras na era do conhecimento**: Abordagem Conceitual e Resultados de pesquisa. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001. p.1-37.

HUGHES, Everett C. **Men and their work**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958. Disponível em <<https://archive.org/stream/mentheirwork00hugh#page/12/mode/1up/search/tribe>> Acesso em: 13 nov. 2015.

MENDONÇA, J.R.C. Interacionismo Simbólico: uma sugestão metodológica para pesquisa em administração. In:___ **RAE**. Recife, v. 8, n. 2, mar-abr. 2002. Disponível em < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/46249/28826>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

NEVES, Mônica Maria; TREVISAN, Leonardo Nelmi; JOÃO, Belmiro do Nascimento. Carreira proteana: revisão teórica e análise bibliométrica. **Rev. Psicol. Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, ago. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572013000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 19 abr. 2015.

PAULILO, Maria A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. In:___: **Serviço Social em revista**. Londrina, v. 2, n. 1, jul/dez. 1999. Disponível em < <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>> Acesso em 24 out 2015.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Analysis of personal narratives**. To appear in Handbook of Interviewing, edited by J.F. Gubrium and J.A. Holstein, Sage Publications, 2001, 2000. Disponível em: <<http://alumni.media.mit.edu/~brooks/storybiz/riessman.pdf>> Acesso em: 23 out. 2015.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; CLOSS, Lisiane Q. História de Vida e Trajetórias Profissionais: uma proposta interdisciplinar para os estudos de carreira. In: IV ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, Brasília: Anais do Anpad, 2013. Brasília. **Anais...** Disponível em < http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2013/2013_EnGPR201.pdf >. Acesso em 20 out. 2015.

SCHMIDTT, Alexandra Karine; OLIVEIRA, Claudete. O mercado da beleza e suas consequências. 2008. Artigo Científico (Graduação em Tecnologia e Cosmetologia e Estética) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2008. Disponível em <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Alexandra%20Schmidt%20e%20Claudete%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SELLTIZ, Claire et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. 4. ed. São Paulo: EPU, 1974. p.200-280.

SENNETT, R. **The craftsman**. New Haven Yale University Press. 2008

TOLFO, Suzana da Rosa, A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. **Revista de Psicologia: Organização e Trabalho**, Florianópolis, vol. 2, n. 2, p. 39-63, jan 2002. ISSN1984-6657. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/6847>> Acesso em: 22 mar. 2015.

SULLIVAN, S. E.; BARUCH, Y. (2009). Advances in career theory and research: A critical review and agenda for future exploration. **Journal of Management**, v.35, 2009, p.1542-1571. Disponível em <http://www.researchgate.net/publication/234021927_Advances_in_Career_Theory_and_Research_A_Critical_Review_and_Agenda_for_Future_Exploration> Acesso em: 20 out. 2015.

TRUQUES DE MAQUIAGEM. Maquiador (A): a carreira de fazer arte. Disponível em <<http://www.truquesdemaquiagem.com.br/maquiadora-a-carreira-de-fazer-arte/>> Acesso em: 10 dez. 2015

UOL EDUCAÇÃO. **Escola de Chicago - contexto histórico: Pesquisas centradas no meio urbano**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/escola-de-chicago---contexto-historico-pesquisas-centradas-no-meio-urbano.htm>> Acesso em: 18 out. 2015.

APÊNDICE A - NARRATIVA SANDRA

As circunstâncias que me levaram a conhecer a Sandra, maquiadora aos 38 anos, dos quais seis, são dedicados à maquiagem, foram casuais, porém, bastante oportunas. Uma colega de faculdade me perguntou se eu gostaria de substituí-la como modelo, em um curso de maquiagem que sua colega de trabalho, estava realizando. Recusar essa oferta nunca passou pela minha cabeça pois, eu estava prospectando maquiadores para a realização do trabalho de conclusão de curso, achei que seria a oportunidade ideal de fazer esses contatos.

Foi chegando ao local onde seria ministrado o curso, que eu conheci uma sorridente e bastante simpática Sandra e sua “Casa Rosa”, um local que realmente possui vários tons dessa cor. Descobri no instante em que entrei no local, que este é vinculado à marca de cosméticos Mary Kay, pois somente havia estes produtos expostos. A partir desse dia um vínculo foi estabelecido, pois enquanto conversávamos antes do início do curso, descobrimos bastantes pontos em comum, entre eles o interesse em obter mais informações a respeito da carreira de maquiadores. Ela por curiosidade em saber informações sobre a sua profissão, enquanto eu sentia necessidade entender como uma pessoa chega a decisão maquiar e o trajeto dessa pessoa até chegar a esse destino. Falei brevemente do interesse de entrevistá-la para o TCC, e prontamente ela se animou e concordou, pois achou bastante interessante um trabalho tão importante sobre seu trabalho atual, pelo qual ela possui enorme apreço. Marcamos a data nesse dia.

Na data marcada pudemos então nos encontrar e conversar abertamente e sem pressa. Sandra faz uma narrativa de como a maquiagem surgiu em sua vida. Iniciou no balé aos quatro anos e dançou durante doze. Foi ainda na adolescência, aos treze anos de idade surgiu a necessidade maquiar para as apresentações e para tanto, ingressou em curso de maquiagem no Instituto de Belas Artes em Porto Alegre que segundo ela “não era nem Senac nem nada dessas coisas modernas na época, e aí eu fiz meu primeiro curso de maquiagem lá”. Quando as Lojas Renner iniciaram suas atividades no Rio Grande do Sul, eram oferecidos cursos de auto-maquiagem, os quais a também foram aproveitados por Sandra. Esses primeiros cursos de maquiagem passaram a ter uma finalidade para além de maquiar “... eu também fiz lá e aí eu comecei a fazer, fazia nas amigas, fazia nas colegas de dança pra ganhar um dinheirinho mesmo, né?”. O seu período de bailarina estendeu-se até

os 16 anos quando prestou vestibular para enfermagem na a Universidade federal do Rio Grande (FURG) e passou para o curso de enfermagem. Assim, iniciou-se na área da saúde. Contudo, devido a gravidez do primeiro filho, aos 21 anos, teve que se afastar dos estudos e, por cinco anos, dedicou-se apenas ao cuidado de sua família.

Após período longe do trabalho fora de casa e dos estudos, sentiu a necessidade de retornar ao mercado, assim, ingressou em um curso técnico de enfermagem, que por ser menor de idade duração, lhe permitiria uma reinserção mais rápida no mercado de trabalho. Foi dessa maneira que passou a realizar trabalhos na área da saúde, atuou em hospitais e em plantões particulares, o que acabava sendo um benefício para ela: “[...] trabalhei muito com plantão particular. Porque era mais fácil pra mim como mãe. Como eu tinha filhos, os plantões particulares, eles me facilitavam a questão do horário, eu precisava de um emprego em que o horário eu pudesse atender os meus filhos”. Contudo os plantões por serem longos, e tornaram-se um problema para que ela pudesse conciliar os seus horários.

Em um dado momento de sua via, Sandra mudou-se para Porto Alegre, retomando o curso superior em enfermagem, na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e passando a trabalhar em três lugares distintos, com menos horas de trabalho. Esses empregos, no entanto, acumulavam uma carga de 60 horas de trabalho por semana para que, junto com seu marido, pudesse prover um bom padrão de vida para ela e sua família: “eu tinha um emprego de atendente num *call center* de dependência química, eu tinha um emprego num projeto num posto de saúde no mapeamento genético dos idosos que é um projeto do governo e outro também que era outro projeto do governo que era o mapeamento das gestantes de baixo risco de Porto Alegre” (Relato de entrevista) e ainda mantinha a faculdade. Em meio à sua narrativa, é possível perceber que este foi o momento mais difícil de sua vida tanto profissional quanto particular. Nessa época, ela já tinha mais uma filho e tornou-se bastante difícil conciliar os horários e em determinado momento ela conta: “meus filhos ficaram cada um num turno e eu tive que largar a faculdade porque eu precisava ficar pela manhã em casa” e mesmo trabalhando em mais de um emprego, pagar uma babá não era uma opção pois e teria que pagar um valor equivalente ao salário que ganhava.

Foi no fim de uma viagem para fora do país, que ocorreu o fato que mudou sua perspectiva sobre o seu trabalho na área da saúde. Em meio a esse momento intenso em sua vida, passou por um episódio de desentendimento com o superior do call center fez com que ela passasse a pensar em vários aspectos de sua vida:

Um dia eu tava viajando, assim, e eu precisei faltar em um dos meus empregos e eu recebi uma super estupidez do meu chefe, e eu digo: não quero mais isso pra mim. Eu tava no Uruguai, gastei mais de ligação do que eu ganharia naquele plantão pra deixar avisado que eu faltaria pra não deixar eles desfalcados e ouvi um monte de desaforo então eu me revoltei.

Mesmo gostando de cuidar das pessoas como ela fala com fala algumas vezes durante a entrevista, ela passou a se questionar sobre o ritmo de sua vida e passou a se sentir frustrada pois acabou percebendo que se preocupava demais com a empresa e não percebia uma reciprocidade por parte da empresa:

Por exemplo, aquela vez que eu fui viajar eu tava super preocupada em avisar pra eles não ficarem com alguém pendurado no plantão lá vazio. E a empresa tava muito mais preocupada em brigar comigo porque eu tava ligando pra avisar que eu ia faltar.

Em meio a esse momento de reflexão profissional, teve um papel de grande importância, uma amiga de Sandra. Durante muito tempo, essa amiga - que em um dado momento da narrativa, descubro se chamar Alice - a convidava para que se tornasse uma consultora Mary Kay: “não, mas eu acho que tu devia fazer - sempre me cantou pra trabalhar com ela porque ela achava que tinha tudo a ver comigo”. O interesse por um emprego informal como este, segundo ela, nunca havia sido opção pois pensava muito em sua família que aliás, ela deixa visível muitas vezes - tanto em sua narrativa profissional, quanto em conversas informais e mesmo em sua expressão facial – ser o centro de suas atenções e maiores preocupações. O convite fora aceito há algum tempo, com o cadastro realizado e o kit de produtos em mãos, no entanto, o seu pensamento inicial era que, caso não desse certo, ela ao menos ficaria com o kit para ela. E de fato após ela adquirir o kit com os produtos, o mesmo ficou guardado por seis meses. Sua amiga passou a chamá-la a realizar os cursos que são concedidos gratuitamente às consultoras sempre recebendo uma negativa com a seguinte justificativa: “não, capaz, eu fiz só pra te ajudar”.

O incidente ocorrido com o chefe no *call center*, que era um estágio, foi o impulso necessário para que Sandra aceitasse definitivamente o convite da amiga e

passou a frequentar os cursos e reuniões. A partir desse momento a maquiagem passou a novamente fazer parte de sua vida, pois em função destes cursos, Sandra passou a postar as fotos das maquiagens feitas nas redes sociais, isso e as vendas dos produtos, proporcionaram maior visibilidade de suas maquiagens:

[...] aí começaram a surgir clientes para fazer a maquiagem, porque assim , a maquiagem, tu postou uma foto, o pessoal descobriu tu começa: “ai fazem em mim, eu tenho uma festa quanto é que tu cobra?”. aí eu comecei a fazer, a voltar a fazer as maquiagens.

Durante esse processo de retorno à maquiagem, suas vendas aumentaram, e a partir do momento em que ela conseguiu pagar o aluguel de um veraneio na praia, ela passou a levar essa nova atividade mais a sério. Levou a sério de tal maneira que em um dado momento, essas vendas alcançavam o valor do salário de uma de seus empregos, o que permitiu que ela pedisse demissão do estágio que fazia e onde já não estava mais satisfeita. Esse fato a desafiou tomou como critério que a cada vez que sua renda cobrisse os seus salários, ela deixaria o restante dos empregos nos quais atuava.

E assim o fez de maneira que: “... quando a minha renda aqui atingiu um salário, eu larguei aquele, quando atingiu os dois salários eu larguei o terceiro e aí eu fui aumentando e a renda na verdade, ela é um somatório da maquiagem, das maquiagens particulares que eu faço, dos cursos de maquiagem que eu dou e das minhas vendas da Mary Kay”.

Hoje Sandra é diretora da sua própria unidade, pois ao longo desse percurso de vendas dos cosméticos, iniciou várias outras consultoras e foi “subindo de cargo”. Após seis meses depois de ter iniciado com as vendas, tornou-se rainha de inícios e por este motivo, ganhou uma festa da diretora de sua unidade e foi coroada, esse momento foi também decisivo, para que ela passasse a se dedicar com mais afinco, pois foi nesse episódio, em que se sentiu valorizada pelo seu trabalho.

Desde que voltou a atuar com maquiagem, ela frequentou alguns cursos de maquiagem da marca de cosméticos Payot, dois cursos com o maquiador Jorginho Goulart, curso de visagismo e à época da narrativa concedida, ela estava fazendo um curso de maquiadora profissional do Instituto Embelleze, pois acreditava ser de grande importância no momento em que estava vivendo, ter o certificado. Adquirir

esses novos conhecimentos foi positivo, pois mesmo que afirme que o seu foco principal seja o trabalho realizado junto à Mary Kay, foi a maquiagem que lhe proporcionou a desenvolver trabalhos junto à revista Donna da Zero Hora, trabalhar em eventos de beleza e até ser convidada para escrever sobre maquiagem em uma revista virtual cujo público-alvo é o Plus Size.

Como Diretora da sua Casa Rosa, ela ministra cursos de maquiagem para suas consultoras, que são os cursos gratuitos da Mary Kay, mas também ministra cursos de técnicas mais complexas de maquiagem para o público em geral. Pude presenciar um desses cursos gratuitos, neles, enquanto ensina as técnicas básicas, também conversa com suas “alunas”. Em meio a essas conversas informais, ela fala sobre o período em que trabalhou na área da saúde e descobre que uma das alunas também trabalha nessa mesma área, e passam a travar uma breve conversa animada. Nessa conversa ela diz que gostava muito de cuidar das pessoas, de fazer com que se sentissem bem, principalmente quando trabalhava com os idosos. Em nossa entrevista ela afirma que ama o seu trabalho, que sente um grande orgulho por conseguir transformar uma pessoa e surpreender outras com isso: “vejo muito, meu marido diz assim “como é que tu conseguiu fazer isso?”, e eu digo pra ele, “esse é o meu trabalho, é transformar uma pessoa” ” e cada vez que isso acontece, ela ganha seu dia, pois atende desde pessoas em boas condições financeira até àquelas com menos condições e sente-se gratificada pela profissão cada vez que alguém sai de um de seus cursos se sentindo linda. Dessa maneira ela sente que ainda cuida das pessoas, a diferença é que como ela diz: ” eu nasci para cuidar e por isso eu escolhi a enfermagem, e por isso eu acabei escolhendo a MK, porque com a maquiagem eu continuo cuidando, só que eu cuido de outra parte da pessoa”.

Quanto ao fato de ser sua própria chefe, ela afirma ser difícil, pois exige que ela seja “regrada”. Relata também que tenta trabalhar sempre oito horas por dia, por achar justo, pois quando era empregada, trabalhava nesse mesmo período de tempo. Mas ao mesmo tempo que é difícil “administrar sua própria empresa”, ela afirma ser gratificante, pois além de amar o que faz, ela pode trabalhar de qualquer lugar, bem como poder participar de atividades de lazer que antes não eram possíveis, devido à carga horária intensa de trabalho que ela tinha:

[...], por exemplo, o meu filho quinta-feira passada tinha um evento no colégio que eles iam fazer um piquenique, eu pude fechar a minha agenda na quinta e ir com o meu filho. Numa empresa particular, jamais eu

conseguiria faltar pra ir num evento com meu filho, então, essas coisas é que me conquistam em ser a minha chefe.

Além de todos os benefícios próprios, outro motivo para ela amar o que faz, é também saber, que as suas consultoras um dia, como ela irão ser suas próprias chefes e a partir desse empoderamento, elas passarão a atuar no mesmo nível.

Ao que parece, Sandra sempre procurou fazer tudo da melhor maneira mais correta e bem feito possível, e esse sentimento perdura até os dias de hoje, inclusive quando conta sobre a possibilidade de propicia às suas consultoras, a sensação de liberdade, seja financeira ou simplesmente a liberdade de poder fazer o que se gosta.

APÊNDICE B - NARRATIVA DENISE

Foi através da indicação de uma amiga em comum, ou melhor, uma professora em comum, que pude fazer contato com a maquiadora Denise. O primeiro contato se deu através de uma rede social, onde me apresentei e lhe passei informações sobre o trabalho e perguntei se ela gostaria de contribuir. Para minha surpresa, ela concordou na hora, pois nossa amiga em comum já havia explicado mais ou menos do que se tratava, o que a deixou bastante animada em participar. Como estava a um semestre de iniciar o trabalho de conclusão expliquei a ela que no próximo semestre eu entraria novamente em contato com a mesma.

Como combinado, no início do segundo semestre, voltei a contatá-la para agendar nossa entrevista e, foi às 17:20h, de uma quarta-feira de bastante chuva que, eu tocava a campainha de seu apartamento situado no Bairro Cristo Redentor, em Porto Alegre. Fui alegremente recebida por Denise e seus quatro curiosos cachorrinhos. Devido à “mini reforma” que estava realizando, tivemos que nos ater à cozinha para realização da entrevista, Denise os três cachorrinhos e eu. Ela estava bastante animada e foi quando eu pedi que me contasse sua trajetória profissional, que vi o brilho em seus olhos (relacionar no final, o brilho nos olhos a lembrança de tudo o que passou profissionalmente até a chagada da carreira que lhe traz felicidade)

Denise, 34 anos lembra que começou a trabalhar aos 17 anos, um ano após a formatura do ensino médio. O primeiro emprego foi em uma fábrica de camisetas chamada Sul Malhas, situada em frente de sua casa, e distribuía seus produtos para várias empresas como, por exemplo, as lojas Renner. Iniciou como secretária, passou pelos setores de compras e também o financeiro. Como era uma fábrica, muitas vezes trabalhava até mais tarde para ajudar as outras funcionárias a dobrar e embalar as camisetas para que pudessem fechar os pedidos de entrega. Denise conta que gostava bastante de trabalhar nesse lugar tinha uma boa relação com a sua chefe, tanto, que esta pagou para que Denise pudesse obter sua habilitação para dirigir. No entanto, ao que parece, o cuidado que sua chefe possuía com ela, provinha de “segundas intenções”, pois certa vez chegou a abrir uma conta no banco em nome da funcionária com intuito de utilizar os cheques dela para fazer o que Denise chama de “esquemas” e “falcatruas” o que culminou e seu nome nos SPC

por cinco anos (período em que geralmente as dívidas prescrevem), atribui isso ao fato de ser jovem e ingênua na época.

Apesar desses ocorridos, conta que apenas saiu da empresa, após 4 anos, pois essa encerrou suas atividades. Após a saída da Sul Malhas, ela trabalhou na DRS Car Service, uma loja de pneus situada no bairro Boa vista em Porto Alegre. Nessa empresa ela também exercia atividades de secretária, recebendo os clientes, fazendo pedidos e a tarefa que Denise mais odiava: limpeza. Essa última tarefa fazia com que ela se sentisse um “Severino”, fazendo referência ao personagem de um programa de humor, que apesar de ser porteiro, era chamado para cumprir várias tarefas que não eram inerentes ao seu cargo. Esse fato aliado ao baixo salário contribuía para que, cada vez menos ela gostasse de trabalhar lá: “fiquei acho que um ano e meio, não gostava de lá, eu só trabalhava lá porque eu realmente precisava receber né, precisava de dinheiro”. Outro fato que dificultava seu trabalho nessa empresa era o relacionamento turbulento que possuía com sua chefe. Como ela mesma conta

E eu não me dava muito bem com a dona, porque ela era muito chata, muito, muito chata. E daí a gente tava sempre batendo de frente assim, sabe? Era um saco assim. Ela que me mandava limpar banheiro, ela que me mandava varrer e essas coisas e eu não gostava. Até que eu pedi demissão (risadas) pra variar né?

Mas antes de sua “libertação” como ela mesma se refere ao dia em que pediu demissão, passou por momentos complicados nessa empresa, principalmente pelo fato de precisar trabalhar. O fato de desempenhar atividades como limpar banheiros faziam com que ela se sentisse desvalorizada como profissional, sentia-se um “lixo”. Essa foi uma época em sua vida em que ela reclamava bastante e chegava em sua casa quase todos os dias chorando. O início da semana era uma martírio pra ela: “chegava domingo de noite, a hora do Faustão, eu dizia “Meu Deus amanhã é segunda e agora...ai,?” sabe? Vinha se arrastando assim, era horrível, horrível”, no entanto, a necessidade de trabalhar e o seu senso de responsabilidade, não permitiam que ela sequer chegasse atrasada. Preocupado com a saúde física e emocional de Denise, seu marido a aconselha: “Tá, tu tem que sair daí, porque tu só reclama, tá sempre chorando sempre mal, tá te estragando” e é nesse momento que ela decidiu que pediria demissão e foi isso o que fez.

Após a demissão, ficou sem trabalhar por um tempo, foi trabalhar em uma empresa de T.I. chamada Intermídia, também como secretária, porém, nesse emprego não havia quase nada para fazer além de atender o telefone e esporadicamente tirar algumas notas. A falta de atividades às vezes a deixava das 8 horas da manhã até às 17 horas sem qualquer atividade, conforme ela relata, às vezes navegava na internet o dia inteiro. Outro ponto negativo dessa empresa era que o tempo livre também a deixava à mercê das vontades pessoais de seus chefes, pois muitas vezes, segundo sua narrativa, teve que caminhar longas distâncias para pagar contas pessoais dos mesmos. Tarefas como ir comprar balas, pizza e rapadura para seus empregadores eram bastante frequentes no período em que trabalhou nessa empresa, o que a frustrava muito, pois nessa época estava quase se formando no curso superior em Administração, e sentia-se mal por realizar tarefas que “qualquer uma menina de quinze, dezesseis anos faria” como enfatiza Denise. Na Intermídia, o motivo que a impedia de pedir demissão, era justamente faculdade que chegava ao fim, pois ela queria fazer a formatura e o baile, então decidiu que ficaria até juntar o dinheiro necessário para cobrir todas as despesas.

Esse período traz para Denise um momento de reflexão. Percebia que estava muito insatisfeita profissionalmente.

Tirando o primeiro emprego e ganhava pouco né? Eu nunca fui realizada profissionalmente, tanto que eu pedia demissão em todos os empregos, só o primeiro que não né? E sempre ganhava pouco, sempre queria mais, sabe? E eu já tava quase formada e não me surgia nada melhor e as minhas amigas geralmente tavam em uma empresa multinacional ou trabalhavam em bancos ou alguma coisa, e eu sempre aquelas empresas “de merda” assim sabe? Desculpa o termo (risadas)

Em sua opinião o Curso Superior de Administração que cursava na Faculdade Porto Alegre (FAPA) também não lhe apresentava grandes perspectivas, ela deixa claro isso quando ela faz a seguinte declaração:

Eu disse: “Eu não me achei ainda, não é isso que eu quero”. E até a própria faculdade assim, eu via que não era aquilo que eu gostava de fazer. Administração infelizmente, o curso, é aquela coisa assim de “Ah, vou fazer porque eu não sei o que vou fazer, vou fazer Administração”. E é bem assim sabe. Se tu vai falar com um administrador que segue né, na área, eles ficam “putos” da cara quando tu fala isso, só que eu não segui e eu vi que é assim, é a realidade. Às vezes tu não sabe o que vai fazer, vai fazer

administração porque engloba muita coisa assim, né? Tu aprende várias coisas na Administração.

A maquiagem entrou na sua vida quando após o término da faculdade, ela ficou sem trabalhar, passando grande parte de seu dia na internet olhando notícias em um site de notícias, entre outros. E foi nesse mesmo site, que um dia viu um vídeo da maquiadora e *blogueira* Alice Salazar. Conta que apesar de não usar maquiagem no dia a dia e, por esse motivo não possuir grandes interesses por maquiagem, achou interessante assistir a esse vídeo, que despertou seu interesse de maneira que não conseguiu mais parar de assistir os vídeos dessa maquiadora e se interessar cada vez mais pela maquiagem.

Ao assistir esses vídeos, ouvia com bastante frequência a maquiadora falar na marca de cosméticos Mary Kay e ficou interessada em adquirir esses produtos, e foi esse interesse que a levou a fazer contato com Alice através do Twitter. A partir desse primeiro contato, em que Alice lhe passou o telefone de sua fornecedora, a Taís. Denise marcou um encontro no shopping Iguatemi com a fornecedora de cosméticos, a consultora Taís de quem adquiriu alguns produtos primeiramente. No primeiro encontro das duas, ela comprou seu primeiro kit de produtos para se maquiar. Nesse mesmo encontro, demonstrou interesse em fazer uma aula de automaquiagem com Alice Salazar, e como em uma troca, Taís passou o contato por e-mail da maquiadora, e dessa forma, foram conversando até marcar um dia para que a aula pudesse ser ministrada.

No dia marcado, Denise e mais algumas amigas receberam a *blogueira* na casa de uma delas e tiveram a tão esperada aula. Denise sentiu-se bastante feliz por ter conhecido a pessoa que seria sua inspiração daquele dia em diante, mesmo não tendo gostado de algumas das técnicas demonstradas, pois achou que a sua maquiagem ficou muito “carregada”, ou seja, ela utilizou uma quantidade de maquiagem que Denise julgou desnecessária. Apesar disso, passou a maquiar-se com frequência utilizando algumas técnicas aprendidas na aula de automaquiagem e adaptando outras, maquiava também suas amigas, parentes e até suas visitas, e afirma que nem passava pela sua cabeça ser maquiadora, fazia mesmo para treinar e pôr em prática as técnicas aprendidas na internet, que nesse momento já não

eram aprendidas somente com a Alice Salazar, ela passou a seguir outras *blogueiras* e maquiadoras nas redes sociais.

As pessoas começaram a gostar tanto de suas maquiagens, que um certo dia, sua amiga há 10 anos e com quem trabalhava algumas horas por semana, a Dani que é fotógrafa, passou a convidá-la a maquiar suas clientes

Leli, já que eu trabalho com fotografia, as pessoas pedem muito maquiagem, às vezes elas pedem pra mim: Ah tu pode me maquiar pras fotos, não-sei-o-que, por que tu não faz as maquiagens pra mim? Daí tu ganha o teu dinheirinho, cobra um X, ganha o teu dinheirinho e vai fazendo já que tu gosta né?

Diante desse convite, sua primeira reação foi negar, pois segundo ela, não estava preparada, sentia-se insegura, pois não tinha feito qualquer curso de maquiagem e preocupava-se que as pessoas a olhassem de forma estranha por isso. Contudo, essas negativas não foram suficientes para eu sua amiga desistisse de tê-la como parceira, e por esse motivo lhe fez uma proposta. Ela maquiaria 4 meninas distintas, e iria fotografá-las, dessa maneira, após olhar o resultado das fotos, ela poderia decidir se tornar maquiadora ou não. Apesar de sentir ainda muita insegurança e medo que as não gostassem de seu trabalho por não ser “profissional” ela aceitou o desafio e maquiou as modelos.

Nessa altura, Denise havia se tornado também consultora da Mary Kay, dessa forma poderia comprar produtos com o desconto para consultoras, ainda conseguir um dinheiro vendendo algum produto. Por este motivo ela possuía um pequeno estoque de produtos que utilizou para maquiar as meninas para a sessão de fotos. Ao ver as fotos depois de prontas ela encantou-se com o próprio trabalho: “Ficou bem bonito e depois vendo as fotos então, ficou show sabe?”, a partir desse momento, ela decidiu firmar parceria com sua amiga fotógrafa e maquiar suas clientes, que de acordo com Denise, são clientes “de grana”, pois os ensaios não são baratos. Assim iniciou-se sua carreira de maquiadora, maquiando os clientes de sua amiga, que foram indicando os seus serviços a seu círculo de amizades, o que permitiu que ela acumulasse uma fiel que sempre recorrem a ela quando têm um evento.

“Ao terminar essa narrativa sobre seu percurso profissional ela diz: “ E foi assim, e hoje eu amo o que eu faço, né? “Hoje eu adoro, e eu sempre digo que hoje eu me encontrei”, hoje ela tem pode afirmar com toda a certeza, que gosta de

trabalhar, e não importa se é final-de-semana ou feriado, ou se tem que acordar às 5 da manhã para maquiagem, como ocorre quando tem que maquiagem uma formanda para prova de toga, por exemplo, ela faz com maior prazer e inclusive tem a premissa de pôr o seu trabalho antes de seu lazer como ela enfatiza: “primeiro meu trabalho, preciso de dinheiro, tenho que pagar minhas contas. Primeiro meu trabalho”.

Outro fato que a encanta além de fazer o que gosta é o fato de não ter chefe, de não ter que dar satisfação a ninguém ou dizer não a um trabalho, mas diz que não faz, pois o mesmo senso de responsabilidade que ela tinha e que não a permitia faltar a um trabalho que ela não gostava, se intensificou agora que ela é a própria chefe. Sua saúde conseqüentemente melhorou, pois ela não vive mais amargurada e angustiada ou reclamando o tempo todo, e resume “hoje eu sou feliz, hoje eu sou realizada”. Destaca também que o único fator negativo é que como trabalha de maneira autônoma, não sabe quanto irá receber no fim do mês, mas mesmo assim recebe o mais do que recebia quando trabalhava oito horas.

Denise finaliza a entrevista mais uma vez dizendo que é realizada profissionalmente e pessoalmente, e nesse momento foi possível entender o motivo do brilho no olhar no início da entrevista.

APÊNDICE C - NARRATIVA DAIANE

Fiquei surpresa quando vi a Daiane, uma jovem baixinha, cheia de tatuagens pelo corpo, cabelos loiros com *dreads*, acessórios diferentes e um sorriso no rosto. Pensei: nossa, quanta personalidade em uma pessoa tão pequenina! E conforme fomos conversando, fui me encantando pela sua história e pelo seu jeito leve de levar a vida.

Daiane iniciou a sua vida profissional muito cedo, assim como outros jovens que começam a trabalhar nos negócios dos pais. Cresceu dentro de um salão de beleza, e começou trabalhando na recepção. Ela conta que, em um belo dia, o movimento de clientes no salão estava tão intenso que sua mãe não estava conseguindo atender a todas as clientes:

[...] Então a minha mãe um dia tava apertada, tava cheio de gente no salão, ela não ia conseguir dar conta duma maquiagem e ela me pediu pra que eu fizesse, então foi a primeira vez que eu entrei em contato com a maquiagem eu tinha de 13 pra 14 anos, não sabia nada, mas fui lá e fiz, e gostei de fazer e comecei daí a ir atrás de um curso pra mim de maquiagem [...]

Desde então, nunca mais largou a sua paixão, que é a maquiagem. A experiência despertou o desejo de buscar conhecimento técnico sobre o assunto. Assim, Daiane aproveitou que uma técnica da marca Sebastian Trucco que estava vindo para sua cidade a fim de visitar os seus pais, para um curso particular com ela, que durou um dia inteiro. A partir de então, ela começou a maquiar profissionalmente.

Hoje, Daiane tem 24 anos e ainda mora com os pais, na cidade de Sapucaia do Sul, região metropolitana da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A sua família possui dois salões, uma na cidade onde mora e outro na capital. A jovem trabalhou durante 10 anos nos salões, e em 2015 decidiu dar novos rumos à sua vida pessoal e profissional.

Durante a sua trajetória profissional, Daiane fez outros cursos e *workshops* para aprender novas técnicas, com pessoas conhecidas do ramo. Participou de *workshops* com o Duda Molinos, que é maquiador de pessoas famosas e tem a sua própria linha de maquiagem; e com a Vanessa Rozan que é representante da marca americana Avon, e trabalha no programa Esquadrão da Moda o SBT. Também fez

cursos mais específicos com a Nanda Gama Make Up, celebridade da internet, onde aprendeu uma técnica chamada *cut crease*, a qual consiste em deixar o côncavo mais marcado. Além disso, foi aluna da maquiadora Brigitte Calegari, que é uma das referências no Sul quando se fala em maquiagem, apesar de ter nascido em outro Estado. E o último curso que fez foi com a maquiadora Luana Zin, no qual aprendeu técnicas de maquiagem artística e efeitos especiais. As maquiagens eram específicas para Drag Queens, felinos, e efeitos especiais como roxos, arranhões e outras coisas nesse sentido.

Daiane se apaixonou pela maquiagem artística desde então, mas sente que que esse trabalho tem relevância no Estado. De acordo com a sua visão, a maquiagem no Sul não é valorizada de modo geral, tanto a maquiagem social como a artística. A maquiadora contou que as clientes reclamam se ela cobra mais caro, e que a atual situação econômica do país fez diminuir a demanda pelo serviço.

No início da carreira, teve a sua introdução no meio facilitada pela mãe, pois ela direcionava as clientes para a filha no salão. E com o tempo, conseguiu fidelizar as clientes pelos seus próprios méritos, tanto que as mesmas a acompanham até hoje, mesmo após ter deixado os salões dos pais para seguir a carreira de maquiadora de forma independente.

A mudança e busca pela independência começou quando Daiane percebeu que trabalhava há 10 anos no salão dos pais, vivia o sonho deles e não o seu. Durante sua trajetória estudou durante o ensino fundamental e médio na parte da manhã, e durante a tarde e noite trabalhou no salão. Sua carga horária era muito extensa, e sempre havia “encaixes” na sua agenda, que compreendia o atendimento de clientes para fazer a sobrancelha, buço e as maquiagens sociais. Era uma cliente atrás da outra, nem dava tempo de conversar com elas. Geralmente, a maquiagem completa durava em torno de 30 minutos. E toda a correria a deixava muito frustrada, pois não conseguia dar atenção para as clientes, fazia tudo de maneira programada, quase como um robô. O conservadorismo das clientes também a deixava frustrada, pois elas sempre queriam maquiagem em tons de bege e marrom, e Daiane acreditava que podia ir além disso, que tinha potencial para criar coisas diferentes e mais elaboradas.

Atualmente, a jovem enxerga a maquiagem como uma maneira de se expressar, como uma arte, e vem daí a sua preferência por maquiagens artísticas a sociais. Com o seu jeito irreverente eu não poderia ter imaginado outra coisa, pois a

menina simpática tem um jeito bem particular de vestir-se e de expressar as suas vontades por meio das palavras. Ela contou que faz as maquiagens artísticas mais por satisfação pessoal e para ter visibilidade do seu trabalho nas redes sociais. A interação que tem na internet é muito positiva, pois algumas pessoas sempre a procuram para mostrar alguma maquiagem diferente que acharam na rede. Contudo, é a maquiagem social que dá retorno financeiro, pois muitos ainda não enxergam o sentido da maquiagem artística. Quando questionada sobre sua situação financeira ela conta:

[...]quando eu trabalhava no salão a minha satisfação financeira era muito boa, porque eu tinha toda uma estrutura né[...]Eu trabalhava por comissão, ganhava 70% das maquiagens que eu fazia, o que era bastante por que nos outros salões geralmente tu dá todo o teu material e tu ganha 50% só. E aí era por comissão, quanto mais eu trabalhava, mais eu ganhava, no caso. Mas eu tinha que tá lá daí o tempo inteiro.

Nos tempos de salão, a jovem trabalhava a semana toda e sentia-se cansada e infeliz. Nos últimos tempos, estava tão estressada com a correria que um dia acordou com dor no braço, e decidiu fazer uma massagem com uma funcionária que também trabalhava no salão, e percebeu que ela tinha muitos “nós” por causa da tensão. E além da dor no braço, teve torcicolo. Então, esses fatos serviram de alerta para ela perceber que as coisas não estavam bem, e também serviram para ratificar o seu desejo de mudança.

Além desses problemas, Daiane contou que não tinha tempo para sair aos finais de semana, pois passava horas deixando as clientes bonitas, e no fim do dia não tinha energia para si mesma. A jovem também contou que o ambiente do salão era permeado pela futilidade, e que isso fazia com que ela sentisse que faltava algo em sua vida, sentia um vazio. Assim, esse ambiente fez com ela compensasse a falta que sentida fazendo compras e mais compras, e acumulando vários carnês de loja. Contudo, hoje, as coisas são bem diferentes, ela não sente mais essa necessidade de comprar loucamente.

Depois que saiu do salão, Daiane teve o seu retorno financeiro diminuído, mas contou que está muito mais feliz e satisfeita pessoalmente. Hoje trabalha sexta e sábado fazendo maquiagens, e quando há demanda, durante a semana também. Para ela a maquiagem é uma obra de arte, e entende que, muitas vezes, participa de momentos muito importantes da vida das clientes, como formaturas, casamentos

e festas de 15 anos. E por esses motivos, gosta de conversar com elas e de dar atenção. Geralmente, a maquiagem dura em torno de 1 hora entre pinceladas e conversas, o que dá muito mais prazer para a jovem.

Daiane chegou a iniciar a graduação em moda, e disse que tinha interesse por outros cursos, como cosmetologia. Contudo, fez apenas um ano do curso de moda devido à demanda de trabalho no salão de beleza ser muito grande e, também por não se adaptar ao ambiente da faculdade: “Padrões de faculdade, convivência com pessoas que estudam em faculdade, eu acho que eu não me encaixo muito”. Além disso, conforme a sua visão, muita gente sai da faculdade despreparada para o mercado de trabalho, e também não gosta de teoria e acha que o valor do curso superior é muito alto. Para Daiane é mais fácil aprender praticando e pesquisando na internet, o que demonstra o seu jeito contemporâneo de viver.

A jovem tem vontade de maquiar em companhias de teatro ou de dança, mas contou que esse tipo de ambiente é muito fechado. Geralmente, as pessoas que trabalham em teatros aprendem a se maquiar e não gostam de pagar para uma pessoa de fora fazer o trabalho. Apesar disso, Daiane enxerga o mercado de maneira bem otimista, para ela há espaço para todo mundo. No entanto, muitos começam a trabalhar com maquiagem e desistem. Criam uma página e não atualizam com frequência, não investem em bons materiais: “[...] não têm muito essa persistência. Tem muita gente se iniciando maquiador, mas eu não vejo uma responsabilidade de tá toda semana ali dando aquela assistência pro público e tá sempre divulgando ali o seu trabalho”.

Daiane contou que já recebeu propostas de trabalho por causa do material que divulga nas redes sociais. Já trabalhou em editoriais de moda com a Contextura, que é uma linha de roupas sustentáveis; e com a Vibrações Positivas Tie Dye, que vende suas roupas em uma Kombi. Além disso, já maquiou modelos que participaram do Donna Fashion Iguatemi, evento de moda tradicional de Porto Alegre; e recentemente, fez maquiagens inspiradas em super-heróis para o desfile do curso de moda da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), e também participou do editorial de moda contemporânea da Universidade Feevale, ambas da região metropolitana de Porto Alegre.

A jovem maquiadora já recebeu uma proposta de uma famosa loja de departamentos:

[...] eu recebi uma proposta até, foi da Riachuelo, que eles têm agora uma proposta recente, eles têm uma coleção inspirada nas roupas do Marrocos, uma coisa assim, e um amigo meu que trabalha lá dentro veio conversar comigo que ele queria nove maquiagens, nove maquiagens artísticas pra um desfile que eles iam fazer de lançamento da nova coleção. O que que ele falou pra mim: “Ai, só que não pode ser muito caro.” Imagine só, que são nove maquiagens né? Isso dá umas doze horas de trabalho, tipo, eu precisaria tá lá de manhã ou de madrugada até a hora perto do desfile, eu não sei que horas ia ser o desfile. Daí eu dei o valor pra ele, claro que eu não subi lá em cima porque pra mim também é do meu interesse pegar um serviço desse, então é óbvio que eu não vou tocar o valor lá em cima.

Mesmo não elevando os valores das maquiagens, não recebeu retorno sobre o trabalho, o que evidencia a desvalorização do profissional que trabalha com maquiagem.

Daiane sempre amou o seu trabalho, apenas não concordava em fazer tudo roboticamente quando trabalhava no salão. Hoje, sua qualidade de vida melhorou muito. Ela contou que tem tempo para fazer a sua arte como deseja. Desenha croquis com calma e tem um projeto com uma amiga fotógrafa, em que fazem algumas intervenções artísticas. Elas desenvolvem um conceito, fotografam a maquiagem e compartilham nas redes sociais, para divulgar a arte e trazer satisfação pessoal.

Quando contou para os seus pais que desejava mudar de vida, eles ficaram chocados. Ela disse o seguinte caminho: “Ah mãe, eu acho que eu te ajudei no teu sonho até agora, só que agora eu preciso achar o meu caminho”. Contudo, apesar de desejarem que ela seguisse nos negócios da família, hoje, eles entendem melhor e apoiam a vontade que tem de buscar os seus próprios sonhos.

A jovem contou que já teve vontade de desistir da carreira, de largar tudo de vez. Mas precisava se manter e é só isso que sabe fazer. Hoje faz cinco meses que deixou o salão pra desenvolver o seu trabalho de maneira independente, e não pensa em abandonar a profissão. Ela tem vontade de trabalhar, paralelamente, durante a semana com outras coisas futuramente, como terapia holística talvez. E aos finais de semana, continuar maquiando. No entanto, não está preocupada com isso no momento, está aproveitando o seu ritmo de vida menos acelerado. Com o seu jeito irreverente de ser, disse que vai evoluindo conforme as coisas forem acontecendo na sua vida, e que não tem um planejamento. Como a maioria dos jovens que iniciaram a vida profissional muito cedo, Daiane está em busca de novas descobertas e novas perspectivas de vida, aproveitando as dores e as delícias que a carreira de maquiadora proporciona.

